

Gravação: ddg_psicopatiaecinema

Duração do Áudio: 01:47:57

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahãm, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	André
Orador B	Reinecken
Orador C	Tábata
Orador D	Rafael Cerqueira

Narrador: Este episódio é patrocinado pela parceria entre os Dragões de garagem e o podcast Trabalho de mesa. O Trabalho de mesa é um projeto realizado com recursos do fundo de apoio à cultura do Distrito Federal. Você está ouvindo Dragões de Garagem.

Orador A: Estamos começando mais um episódio do Dragões de Garagem, aqui de Itajaí é o André e tu-tu-tu.

Orador B: Meu, pra ouvir deu. Só não sei se deu pra entender.

Orador C: De São Paulo, aqui é a Tábata. E se eu fosse uma psicopata, eu seria uma serial killer.

Orador A: É a melhor forma de ser psicopata.

Orador D: Porque aí você ganha livro e filme.

Orador C: É verdade, você fica famoso.

Orador D: É. Aqui é Rafael Cerqueira, de São José dos Campos. E eu quero dominar a vida e a morte.

Orador B: E de Vancouver, aqui é o Reinecken. E se realmente na vida existissem tantas pessoas doidas, psicopatas, psicossomáticas. Sei lá como é o termo desse negócio, como existe no cinema. Eu acho que a gente estaria muito mais animal, do que hoje estamos.

Orador A: Muito mais animal?

Orador B: Pois é.

Orador D: No sentido bom? Tipo animal, tipo é como se fosse uma gíria de carioca?

Orador B: Eu vou aproveitar que hoje eu sou o único artista entre vários cientistas, pra usar todos os termos errados, pra aprender e levar lá pro meu podcast.

Orador A: Bom, pessoal, no meio dessa loucura toda, hoje a gente vai discutir um pouquinho sobre filmes de psicopata, trazendo um gênero já quase esquecido no Dragões de Garagem, no qual a gente debate filmes e discute onde eles erraram. E como vocês ouviram aí na introdução, a gente tá com o nosso já praticamente integrante do Dragões de Garagem, o Heineken.

Orador B: Não fala isso cara, para com isso.

Orador A: Não, não. A gente dá um jeito. E a gente tem um convidado mais que especial, que é o Rafael Cerqueira, lá do Psicocast. Fala um pouquinho de você aí, Rafael.

Orador D: É uma honra muito grande tá aqui. Porque antes de começar o Psicocast há três, quatro anos atrás, eu ouvi muito Dragões de Garagem. Olha só. E o Psicocast é um podcast de psicologia. A gente tenta trazer desde coisas mais acadêmicas até assim, a psicologia do dia a dia pra poder ensinar um pouquinho pras pessoas o que é a saúde mental. O que é comportamento. E é de uma forma bem, bem, bem descontraída. Aqui, pra vim gravar o Dragões eu tô usando um fraque. Eu gravo de regata Psicocast.

Orador A: Bom, depois de a gente saber das roupas que as pessoas estão vestindo e dessas introduções, a gente vai conversar então sobre psicopatia e sobre cinema com psicopatas ou sobre a invasão dos psicopatas no cinema, depois do recadinho. A ideia então é a gente começar falando um pouquinho sobre o que é psicopatia, principalmente porque o cinema adora explorar isso. Mas existem muitas coisas dentro da psicologia – e, pasmem ou não – a psicopatia enquanto esse termo, ele não é um critério... não, desculpa. Ele não é um transtorno psiquiátrico, que é justamente, geralmente, como a gente se refere a transtornos mentais comuns né? Ou transtornos mentais que estão categorizados né, nos manuais, daí diagnósticos, estatísticos, que a gente geralmente utiliza como ferramentas ou como referência pra se referir a quadros psicológicos ou... na verdade, quadros psiquiátricos e que

muitas vezes, a gente também estuda na psicologia. Por isso que eu trouxe aqui também o Rafael. Pra gente ir fazendo um bate bola.

Orador D: Vamos lá.

Orador A: Em termos profissionais. Até porque o Rafael tá mais próximo da prática na clínica também? Você tá trabalhando na clínica?

Orador D: Também, também. A gente faz um pouco de tudo. A gente faz um pouco de tudo. Mas a clínica é minha atuação primeira na psicologia.

Orador A: Isso. Bom. Então, e aí como esse universo né, de transtornos de personalidade ou outros transtornos, de humor, enfim, estão mais próximos da realidade do que o Rafael trabalha. Apesar de que os transtornos que a gente vai falar aqui são os que são menos comuns na população.

Orador D: Sim. Eu acho que só pra... não sei se fica mais fácil, talvez, às vezes, pro ouvinte né? Você tentou trazer essa diferenciação do transtorno de personalidade antissocial. O transtorno, o que seria o psicopata, pra diferenciar um pouco desses outros manuais mais clássicos. Porque eles meio que trazem como se fossem assim: doenças. O Manual de Psiquiatria, que é uma especialidade médica e que vai trazer transtornos que vai trazer de alguma forma, prejuízo pra pessoa. E de alguma forma, uma proposta de intervenção, de tratamento, de terapia, etc. A psicopatia, ela é uma condição um pouquinho diferente. Ela não necessariamente é uma doença ou algo para ser tratado como se fosse né? É muito mais complexo que isso. Eu acho que é por isso que não entra dentro desses manuais que se propõem a trabalhar questões de saúde. É por isso que eles propõem doenças ali.

Orador C: Posso aproveitar, já que vocês estão falando de caracterização das doenças. A minha pergunta seria se as áreas cerebrais, elas são relacionadas entre si, para os diferentes tipos de psicopatia ou como vocês preferirem chamar esses transtornos? Ou se essas correlações acontecem com outros comportamentos que não são considerados transtornos no nível de psicopatia ou até mesmos sociopatia? E qual seria diferença de sociopatia?

Orador D: A gente tem sim né Tábita, um... algum funcionamento diferente no cérebro dentro das questões, quando a gente identifica que uma pessoa é psicopata ou sociopata. E a gente tem até algumas diferenças físicas, de tamanho. Então, por exemplo, a gente tem uma parte do cérebro que chama amígdala. E a gente sabe que dentro dos psicopatas e sociopatas, a amígdala ela pode ser de vinte a trinta por cento menor, do que de uma pessoa... na população comum. Vamos evitar a palavra normal né? Mas em toda a população comum essa amígdala é diferente. E ela também tem uma conexão com outras partes do cérebro, um pouco reduzida né? A gente tem uma parte aqui na frente, atrás da testa mais ou menos, que é o córtex pré-frontal, que ele trabalha a questão de moralidade, de tomada de decisão. E a gente sabe que casos de psicopatas, sociopatas, a comunicação dessa área com a amígdala, que é uma área muito mais ligada a sentimentos, a desejos mais impulsivos. Essa conexão, ela é muito limitada ou reduzida. Então sim, tem uma diferença aí. Além das diferenças sociais de desenvolvimento, que foi o que eu acho que entrou na sua pergunta, se eu entendi bem.

Orador C: Ahã.

Orador A: É. Que parece que a gente pode olhar pra essas questões, até pra ajudar a gente a entender algumas relações desses comportamentos que são apresentados né?

Orador B: Então quer dizer que a gente consegue identificar através, por exemplo, da amígdala, se a pessoa... pega a amígdala da pessoa. Sei lá, uma pessoa que foi psicopata e morreu. E você vai fazer né, uma cirurgia, abre. Ela vai ser de fato, maior...

Orador D: Menor.

Orador B: Desculpa. Ela vai ser de fato menor do que se costuma ver? Ela diminui o tamanho ou ela nasceu e desenvolveu menor? Ou faz sentido esse tipo de pergunta ou não?

Orador D: Good question rapaz. Não, faz super sentido. O estudo que eu li, ele foi feito apenas com homens. A gente também sabe que existem... existe uma população psicopata mulher também. Só que esse estudo foi feito com homens. E foi feito assim, pós morte. Então, é difícil saber se eles nasceram dessa forma. Entende?

Orador C: Se, então, na hora que a gente fizesse uma ressonância, uma tomografia. Eu esqueci qual que é o método que a gente usa, mas tudo bem...

Orador B: Eu ia até perguntar isso, mas eu ia falar Raio X. Então você tá bem melhor do que eu.

Orador C: É. Então, na hora que a gente faz uma análise de uma ressonância e a gente identifica uma amígdala menor, obviamente que eu não posso supor que essa pessoa é psicopata. Mas ela pode ter uma tendência psicopata?

Orador D: É. É porque é muito delicado né? Isso... isso seria um indício. Mas não seria em si, uma evidência. Porque uma amígdala menor, ela pode trazer outras consequências pro seu próprio comportamento, que não tá relacionado a isso. Eu acho que uma forma mais fácil né, digamos assim, de interpretar isso com aquelas... aquelas...eu não sei exatamente o nome do exame. É como se fosse uma ressonância, vai gente. Mas você consegue ver atividade cerebral ao vivo. Eu acho que até o André deve saber o nome.

Orador A: Eu sei. Mas eu vou lembrar.

Orador D: Mas você percebe que assim: a conexão entre tomada de decisão, dessa parte que eu falei do cérebro, da frente, junto com a amígdala, quando tem esses impulsos, é reduzida. Então, você consegue identificar mais pelo funcionamento do que pela... do que pela própria física. Do que pela própria estrutura do cérebro. É algo mais relacionado assim ao seu comportamento no dia a dia, do que você vai apresentar naquele exame. Do que necessariamente o tamanho das coisas no nosso cérebro. Sabe?

Orador C: É. Eu ia perguntar mesmo desse exame que você faz; que você vê os disparos e as respostas específicas em cada área.

Orador D: Sim.

Orador C: E aí esse padrão que se encontraria, da relação córtex pré-frontal com a amígdala, ela não coincide com outros tipos de disfunções cerebrais? Ou coincide?

Orador A: Então, quando a gente tá falando de transtornos psiquiátricos, nesse sentido é muito difícil a gente fazer uma relação tão clara. Porque essas disfunções cerebrais, às vezes elas vão se... comportamentalmente, elas vão se apresentar de forma diferente. Porque eu me lembro que quando a gente tá falando de alguns transtornos até... até espectro autista vai ter algumas disfunções não relacionados à amígdala, mas sim a algum... agora eu não vou lembrar qual é o núcleo. Mas as células piramidais dessa parte pré-frontal, principalmente, elas vão ter alguns defeitos. E também vai interferir nesse processo né? De como é que a pessoa faz essa relação. Que uma das hipóteses está relacionada aos transtornos de espectro autista né?

Orador D: Sim. E também assim, pra explicar pro ouvinte, se ele um dia tiver curiosidade de ver essas coisas, se ele participar de algum experimento, sei lá. É muito difícil a gente identificar exatamente esses padrões. Até porque o resto do cérebro tá funcionando normalmente.

Orador A: Sim.

Orador D: A gente não consegue isolar algumas funções né? Lá em Santo André, onde eu morava, em São Paulo, a orquestra sinfônica, ela fez uns trabalhos de neurociência junto com o pessoal da Universidade Federal do ABC e aí eles colocavam tipo como se fossem uns eletrodozinhos assim, na cabeça do maestro ou do violinista. E você... enquanto você assistia a ópera, a orquestra, você conseguia ver num telão o funcionamento do cérebro dele ao vivo. E assim, é bizarro. Eu que tenho o mínimo, o mínimo, o mínimo. Essa não é minha especialidade, neurociência. Mas eu que tenho o mínimo de noção do que tá acontecendo, era super confuso.

Orador A: Sim.

Orador D: E era só música que tava acontecendo ali. É nítido que era uma atividade que o profissional, ele fazia de uma forma super focal. E mesmo assim era uma bagunça. Era um monte de manchas né? Então, não é tão simples.

Orador A: É. Até se me permite complementar. Se eu não me engano, a gente tá falando basicamente de ressonância magnética funcional né? Que tem aquelas imagens?

Orador D: Exatamente. É esse o nome.

Orador A: Enfim. E muitas vezes, quando a gente vai fazer... pra fazer essas... essas análises de imagens por ressonância magnética funcional, existem protocolos muito específicos de como é que a pessoa vai estar quando vai estar sendo feito esse tipo de análise né? Que vai ser diferente, por exemplo, de a gente ver a pessoa tocando um violino. E o cérebro vai se comportar de forma muito, muito diferente em cada uma dessas situações. Então a gente vai ter regiões. Eu acho que a Tábata sabia disso. Porque ela tá melhor do que eu. Mas que gente

vê regiões diferentes sendo ativadas em vários momentos, por várias razões diferentes. Mas é interessante também ver que existe essa relação né? A gente tem um conhecimento ainda muito inicial, incipiente talvez, sobre como que é esse funcionamento cerebral e que áreas que acendem. Como é que a gente vai fazer essas diferenciações né? Nesse ponto.

Orador B: Eu só... eu só não entendi exatamente... não sei se a gente começou a falar. Mas eu tava tentando entender – pelo menos pra mim, bem leigo – a diferença clara entre o que se entende por psicopatia ou... qual foi o outro termo que a gente usou?

Orador D: Sociopatia?

Orador B: Sociopatia. Isso, isso. Então assim: qual é a... qual a diferença? Assim: como se eu tivesse oito anos de idade. O que é um psicopata? O que é um sociopata?

Orador A: Heineken, essa é uma ótima pergunta. Até porque, a gente ainda não tinha respondido. Quando a gente tá falando de psicopatia e sociopatia, são dois termos que são bastante utilizados até na mídia e também em alguns estudos né, mas que vão sobrepor muitas características né, de comportamento né? Porque muitas vezes, quando a gente tá falando de transtornos mentais, tanto os comuns como os não comuns, a gente vai tá falando muito de... de uma análise que se faz sobre os comportamentos que são apresentados e quais comportamentos que ocorrem com maior frequência juntos. E aí a gente pega essa ocorrência mais frequente juntos. E a gente agrupa elas e dá um nome. E aí a gente diz que essas pessoas que têm essas características mais comumente, vão estar dentro desse nome que a gente resolveu dar pra isso. Na psicopatia e na sociopatia, as coisas são parecidas. Então a gente vai ter muito essas características de pessoas que têm dificuldade de sentir emoções pelos outros. Ou ter a capacidade de alteridade. De se colocar... na verdade, não colocar. Mas ouvir o outro e entender aquilo que o outro expressa enquanto sentimentos. Ou reconhecer aquela outra pessoa como uma pessoa que têm ideais e sentimentos e uma estrutura e direitos, enfim, todas essas características. Muitas vezes a gente vai acabar diferenciando o psicopata do sociopata por algumas características de aprendizagem social ou relacional né? E até de como ele desenvolveu aquelas características, talvez. O psicopata a gente vai olhar muitas vezes como algo mais estável né, dentro da vida desse indivíduo. Parece que ele tem uma progressão meio que linear dessas características. Elas meio que... não nascem. Mas já da infância, a gente começa a sentir alguns traços, algumas características. Enquanto que o sociopata não necessariamente. Às vezes, ele tem mais características de aparecer isso mais tarde na vida desse sujeito. Ou até no final da adolescência, início da vida adulta.

Orador B: Mas então é uma questão de comportamento? Analisado depois que a pessoa agiu é que você chega nesse diagnóstico? Ou seja, você pega uma pessoa em clínica ou no hospital e aí você trabalha, investiga, conversa, enfim, faz o trabalho da psicologia e aí você consegue então definir? Ah, esse daqui tá mais caracterizado no quadro de psicopatia, no quadro de sociopatia? E a minha pergunta mais ainda é assim: e o que isso... até onde isso é perigoso? O que é o perigoso? Por que você precisa prender essas pessoas ou excluir essas pessoas? Ou fazer um tratamento, de tirá-las da sociedade? Ou isso não é uma questão levantada quando você chega na conclusão que o cara ou a pessoa tem um transtorno e ela então pode ser considerada um psicopata?

Orador D: A psicopatia, ela não necessariamente, ela vai ser uma manifestação ruim na vida da pessoa. Porque quando a gente fala de alguém que não se coloca no lugar do outro, não tem essa empatia. Ele não consegue desenvolver empatia. Não necessariamente ele vai se tornar um assassino ou um estuproador ou qualquer coisa do tipo e vai sair batendo nas pessoas. Se você parar pra pensar: um gestor, um CEO de uma grande empresa. E essa empresa, infelizmente, ela tem uma política assim, que ela precisa trabalhar com os seus funcionários, com os seus colaboradores de uma forma mais dura, uma pessoa dentro dessas características de psicopatia, ela vai se dar bem. Então, não necessariamente ela vai sair matando pessoas. Mas ela vai ser cruel ao ponto sabe, de... de... de cobrar resultados independente da saúde da pessoa que tá junto com ela. Ou, outro exemplo: uma pessoa que trabalha num abatedouro, nesses lugares assim. E aí imagina se a pessoa sente dó dos bichinhos a todo momento, não vai rolar churrasco mais pra ninguém. Então você tem ali uma característica... como se fosse... não que a pessoa precisa ser psicopata. Mas você tem uma característica forte da psicopatia nesse contexto. A sociopatia você...

Orador B: Mas rapidinho. Deixa eu só... deixa eu só te interromper, que assim: eu quero entender então. A palavra psicopata nesse sentido, tá vinculada à ideia de que a pessoa alguma patia, algum problema, alguma doença, alguma condição? Uma condição na psique. Por isso que ele é o psicopata?

Orador D: Exato.

Orador B: Basicamente é isso?

Orador D: Exatamente.

Orador B: Tá. E aí então, por exemplo, uma pessoa que anda na rua e vê uma outra pessoa comendo lixo e ela não se importa, tipo: pra ela tanto faz. Passa. Ela poderia ser classificada ou ela tem traços de psicopatia, digamos assim? É porque pra mim fica difícil saber até onde a pessoa acostuma com a violência, por exemplo, vê violência todos os dias. E aí ela vê todo dia. Chega um determinado momento que ela naturaliza aquilo. Não sei se é possível. E até o momento... até quando, na verdade, isso realmente se torna uma psicopatia, sabe? Porque agora eu fiquei preocupado. Porque eu ando na rua e tem coisas que eu deveria me chocar, talvez, e que eu não me choco mais. Eu fico olhando. Tá. É. Infelizmente isso acontece. Sabe? Eu não fico assim, condoído, com pena. Sabe? E agora eu tô preocupado se eu sou um psicopata.

Orador D: Nossa... uau...

Orador C: Mas eu acho que todo mundo que mora numa cidade grande, que tá exposto a uma certa quantidade de violência diária, acaba se anestesiando pra manter uma saúde mental. Certo?

Orador D: É. É um princípio. Quando a gente estuda alguns processos cognitivos. Que é assim: quanto mais você tá exposto a determinado estímulo, você tende a prestar menos atenção. Então, eu acho que dentro desse contexto social que você tá explicando, existem vários fatores. Então tem um fator de defesa, de você... é quase como uma negação da

realidade. Então essa negação é como se fosse uma proteção que você tá se dando. Tem a outra questão, que foi o que a Tábata falou: a gente vive na cidade, tá olhando isso a todo momento. A gente vai se chocar menos. Porque isso não é mais novidade. Isso é horrível de pensar. Mas não é mais novidade. Isso acontece com casais que estão há muito tempo. Sabe? E eles perdem interesse um ao outro, porque é a exposição ao mesmo estímulo durante muito tempo. Isso não vai fazer de você um psicopata.

Orador A: Tem uma outra característica, que talvez... que na verdade é bem explorada num episódio do Naruhodo – eu não vou lembrar o número, mas a gente pode pôr no post depois – que ele vai discutir justamente essa questão do quanto que... a questão de grupos sociais aos quais a gente pertence né? E o quanto que a gente sente que aquele outro ser humano faz parte do mesmo grupo que eu. E muitas vezes, essas outras relações também, de empatia e de olhar praquilo e chocar de certa forma, também tem uma relação que é dessa questão de pertencimento ao grupo. De se essa pessoa pertence ou não ao meu grupo. Que também é uma outra característica que é regular e é natural. E que vai influenciar na forma como a gente se comporta e olha pra essas situações e sente essas situações. Mas também não tá indicando ainda, nenhum traço de psicopatia.

Orador D: Eu acho que aí entra pra responder a sua pergunta lá no começo né? Porque lá na frente, se você pegar o comportamento de um psicopata que teve comportamentos que a gente vai julgar agressivos e dum sociopata, vai ser realmente muito parecido né? Só que a forma de desenvolvimento, como que essas contingências foram aparecendo e elas chegaram no final, eu acho que é aí que tem a diferença maior pra psicopatia. Eu acho muito perigoso a gente falar assim: a pessoa nasce psicopata. Mas ela tem sim uma grande predisposição né, genética, pra... pra ela poder ter esse... esse desenvolvimento. Pro cérebro dela trabalhar dessa forma. O sociopata, pelo próprio nome eu acho que já fica fácil de identificar né? Que essa patia, ela vem de uma questão social, de uma questão exposta. Então, se a gente pegar, por exemplo, dentro dum... dum presídio aí que teve uma rebelião, aconteceu alguma coisa. As pessoas vão ficando superagressivas lá dentro, conforme vão passando os dias, as semanas. E aí um indivíduo decide cortar a cabeça de um outro. E aí as pessoas vão fazendo isso. Então, talvez, esse indivíduo que cortou essa cabeça, ele não necessariamente ele nasceu um psicopata. Mas ele tá desenvolvendo uma sociopatia, por causa do histórico de vida dele, exposto à agressividade. Por causa dessa exposição que ele teve a eventos que não... que não lhe permitiam ter a empatia. Aí tem o caso do comportamento de manada, que acontece também dentro de um ambiente prisional. Eu acho que assim, dei toda essa volta só pra gente falar um pouquinho assim: que a sociopatia, ela pode ser sim desenvolvida durante a vida né? E que mesmo assim, você sendo exposto aos mesmos estímulos que um sociopata, não necessariamente você vai ficar dessa forma. Tem toda uma relação bio-psico-social. Mas ela pode sim...

Orador B: Mas essa sociopatia é tratável ou não?

Orador D: Putz cara.

Orador B: Tô só fazendo pergunta fácil né?

Orador D: É. Tudo é tratável. Mas...

Orador B: Mas eu digo assim: quando se fala nessas pessoas que você entende, tipo: não, essa pessoa tá num nível que tem que ser excluída do convívio social né? É... sei lá, ficou louco, no grosso senso comum. O cara tá louco. O cara tá completamente maluco. Tá perdido. Então tem que excluir. O cara acha que tá ok pegar uma metralhadora, entrar numa escola e sair matando todo mundo. Sei lá, não tem como você pensar – eu pelo menos não consigo pensar – vamos lá e vamos dialogar. Vamos ver como que é. Sabe? Tipo: não, pera aí. Também existe um determinado nível que você fala: pera aí. Isso aí é tratável ou não? Eu fico nessa dúvida assim, sabe? E a minha... a minha questão é – pelo que eu entendi, vê se eu entendi certo – então a psicopatia, ela pode ser algo que você tem convívio social tranquilo né? Porque uma pessoa pode desenvolver isso, ela pode ter isso, mas ela continua com convívio social possível né? Agora, a sociopatia não seria possível um convívio natural, social, normal ou não?

Orador A: Eu acho que a gente precisa separar alguns pontos. Tem um conceito que o Rafael comentou também, que é contingências. Eu não sei se fica claro pra todos os ouvintes. Eu acho que a gente poderia só fazer um comentário rapidinho. E aí a gente, talvez, aproveitando isso, já... já responder essa pergunta do Heineken.

Orador B: Ok.

Orador D: E linkar com os filmes né?

Orador A: Sim.

Orador D: Eu acho que dá pra fazer um link. Não, é porque eu acho que dá pra fazer um link legal com os filmes, quando ele começar a perguntar.

Orador B: Porque eu tava pensando que no fim das contas, quase todos os filmes que a gente pensou são pessoas extremamente sociopatas né? Tipo: não tem nenhum filme que pensa numa... numa... quer dizer, a gente até chegou a elencar algum filme que fosse... por exemplo, o Whiplash, que são filmes que se... que o personagem tá sendo desenvolvido por um lado muito normal, muito próximo de qualquer ser humano. Chegaria naquela situação. Não seria uma pessoa com algum tratamento. Que necessitasse um tratamento muito diferente né? Pelo que eu entendi. Pode ser que eu esteja equivocado.

Orador C: Posso... posso só... acrescentar então um ponto, na pergunta do Heineken? Que ele perguntou se... se essas... se essas patias são tratáveis? É... então, eu penso em tratamento não apenas acompanhamento psicológico, mas um tratamento farmacológico. É... geralmente essas patias estão associadas com depressão ou... não especificamente depressão, mas alguma diminuição de neurotransmissores cerebrais. Para poder fazer o tratamento farmacológico? Certo?

Orador D: Certo.

Orador C: Então, eu fiquei pensando no tratamento farmacológico. Que você daí, precisa fazer um levantamento dos neurotransmissores que estiverem alterados no cérebro, pra saber como tratar, por ser uma coisa muito específica. É isso que eu fiquei pensando.

Orador B: A gente tá cheio de perguntas boas. Eu quero ver as respostas boas agora.

Orador A: Pois é. As respostas.

Orador D: Dentro do que a Tábata falou, eu acho que tem um paralelo que a gente pode fazer, que é pela questão da pedofilia né, ou do estupro. Que... que acontece assim: a gente pode sim dar um remédio pra pessoa, fazer um tratamento farmacológico pra baixar a libido dela. Só que tem alguns casos – e, infelizmente a maioria deles né, nos casos de estupro – que o comportamento, ele também tá relacionado a outras questões sociais. Então, por mais que você mate a libido da pessoa, alguns vícios comportamentais que essa pessoa criou ao longo do tempo, eles podem ainda ser mantidos né? Então, você pode sim tratar com remédio e baixar a libido dessa pessoa. Só que ela ainda pode ter o impulso agressivo de cometer uma violência sexual. E aí, a gente tem infelizes casos, sei lá, que o cara, ele ia lá e estuprava então a mulher, com uma chave de fenda, por exemplo. Sabe? Então é muito relativo à questão, quando a gente fala assim, de um tratamento. Eu acho que há casos e casos né? Mas eu acho que o André ia explicar. Ia ficar muito mais fácil.

Orador A: Será? Não. É só... eu queria entrar em alguns pontos, passando por essas perguntas, pra que a gente consiga, talvez, esclarecendo algumas coisas, a gente consiga respondê-las. Porque se a gente parar, voltar um pouquinho lá na história de contingências de vida né, que o Rafael comentou – que é um conceito que a gente usa muito mais tecnicamente – ele está indicando aí principalmente as questões sociais, de contextos, interações, as quais a pessoa tá exposta né? E isso vai acabar influenciando como é que ela se relaciona. Então, por mais que a gente tenha tentado fazer essa diferenciação entre psicopatia e sociopatia, no sentido de que a sociopatia, ela necessariamente teria que ter uma aprendizagem em algum momento da vida dela, uma coisa que é desenvolvida de uma forma mais contextual, do que haver uma grande predisposição, uma predisposição mais declarada né, pra esses... pra essas características de comportamento. É... nem toda pessoa que tem uma predisposição à psicopatia, ela vai desenvolver comportamentos que são considerados é... dolosos pra sociedade né? E aí eu acho que o Rafa, ele exemplificou muito bem, quando ele foi falando das situações sociais que existem hoje, que permitem ou que... uma pessoa que tem esses traços psicopáticos, eles consigam ter um bom ajustamento social e conseguir se relacionar propriamente. Então aí ele não vai... a gente não vai tratar isso como um transtorno, porque se ele tá tendo uma vida razoavelmente é... boa pra ele né? E os danos que ele vai causando às outras pessoas não vão sendo consideradas, enfim, ele não tá em sofrimento. Vai ser muito difícil ele chegar no tratamento. Até a gente conseguir identificar se a pessoa tem ou não essas características; levaria muito tempo ou entraria em outras características de... um processo judicial, que às vezes a pessoa precisa fazer uma avaliação psicológica ou alguma coisa assim. Quando a gente tava falando de sociopata, a gente teria que pensar em que características sociais e de vida acontecem com essa pessoa pra que ela chegue nesse nível de... nesse nível de desconsideração com o outro e de comportamentos tão... tão claramente

desajustados da sociedade ela vai ter. Que, às vezes, vão ser semelhantes ao que vai trazer aquela pessoa que tinha uma tendência psicopática a um comportamento que seria disruptivo. É por isso que, talvez, quando o Heineken fala ali: ah, dos filmes que a gente elencou, parece que todos são mais para sociopatia. É porque parece que todas aquelas coisas que acontecem nos filmes, não basta só a pessoa ter essa tendência psicopática, mas ela precisa também ter um contexto que permita ou que premie ou que faça com que ela desenvolva aquelas... aqueles comportamentos tão drásticos né? Que geralmente tá relacionado ao serial killer e todas essas características. E aí indo para o ponto da Tábata, na pergunta. É que vai chegar no ponto mais complicado dessa relação. Porque por mais que a gente vê essa... a questão da relação da diminuição da amígdala e a questão dessa comunicação do pré-frontal com a amígdala, até onde eu sei, não existe uma clareza de quais hormônios, neurotransmissores no caso, que estão relacionados a isso. E se existiria um tratamento farmacológico nesse sentido né? Para essas características. E aí como o Rafa colocou bem, geralmente, a gente vai tentar tratar outras... outros sintomas né? Outros comportamentos ali, que seriam desajustados...

Orador D: Sim.

Orador A: Como na questão da pessoa que é um estuprador serial né? É... que daí a gente vai tentar...

Orador D: Semelhante ao espectro autista né André?

Orador A: Sim. O espectro autista é outro que a gente também não tem essa clareza né?

Orador D: É. E nenhum remédio específico pra isso. A gente tem que... a gente tem que ter outros tratamentos farmacológicos pra trabalhar alguns sintomas, algumas expressões que aparecem junto.

Orador A: É. E aí a gente tem a característica, que a taxa de prevalência, ela é muito baixa. Ou, talvez, a gente não consiga detectar tão bem né, aí tem essas possibilidades. E que, às vezes, não existe nenhum interesse farmacológico de produzir remédio pra essas pessoas. Porque elas não estão se sentindo mal também. Ela não vai ter interesse em comprar esse medicamento. Que é um... principalmente, se a gente tá falando da psicopatia mesmo, do transtorno de personalidade antissocial, que geralmente é o transtorno mais associado, a pessoa, ela nem tem muito interesse num tratamento, em mudar essa vida dela.

Orador D: É porque é uma característica também, acho, que do psicopata. É uma boa desenvoltura social. Então, ele tá bem né?

Orador A: Sim.

Orador D: Se ele não tá matando ninguém, ele tá muito bem. E quando você falou da questão das estatísticas, eles levantam assim, nos estudos, que um por cento dos psicopatas vão desenvolver algum comportamento voltado pra agressividade, ao ponto de um assassinato. Então, olha que porcentagem pequena né? A gente já tem uma faixa social minúscula que pode desenvolver psicopatia. E aí, dentro dessa faixa, um por cento vai ser o serial killer, vai ganhar um filme só para si.

Orador C: Mas não é isso que a gente vê no Criminal Minds. Todo mundo é psicopata no Criminal Minds.

Orador A: Na verdade não. Na verdade, não. Uma coisa que eu gosto inclusive do Criminal Minds é que eles fazem muito – talvez não fique tão claro para quem não é da área – eles fazem essa diferenciação assim, de outros transtornos que também estão associados a crimes, muitas vezes, mas que não são necessariamente a psicopatia né? Bom, aí eu vou entrar em casos de episódios muito específicos. Mas tem... mas tem muitos casos – pelo menos pra mim fica claro assim – de pessoas que foram levadas socialmente a esse tipo de coisa né? Ou que tiveram alguns... algumas características de vida, enfim, que estão relacionados a esses comportamentos, enfim.

Orador D: André, eu acho que – não sei se cabe agora – eu acho que linkando com essas perguntas, a gente podia explicar a questão da esquizofrenia. Porque a esquizofrenia, a pessoa, ela acaba, ela tem... é um funcionamento muito diferente, que sim, pode ser totalmente controlado com tratamento farmacológico né? Não totalmente. Eu tô superexagerando. Mas não, dá pra pessoa ter uma vida...

Orador A: A pessoa pode ter uma vida muito... muito adequada sim. Ela pode...

Orador D: Sim, sim. Explicando assim, de uma forma até bem simples. Uma forma que eu gosto de explicar a esquizofrenia. É que a pessoa, ela dentro do cérebro dela, ela vai criar novas realidades. Não que ela vai viver dentro de Nárnia, montada em cima de um dragão azul. Só que algumas regras sociais, ela não vai atingir essa pessoa. Então assim: é como se as convicções dela fossem mais convictas do que de outras pessoas. É por isso que dentro dessas convicções entram os delírios, as alucinações. E aí sim né Tábita, a gente tem uma ação muito forte de... de hormônios, de neurotransmissores, que estão, de alguma forma, adicionando essas informações além da racionalidade da pessoa. E a partir disso, existe um tratamento. Porque se você controla a questão hormonal, todos os sintomas, eles desaparecem. Existem alguns efeitos colaterais né? Infelizmente as pessoas esquizofrênicas, dentro do tratamento farmacológico, elas começam a ficar um pouco apáticas ou o comportamento começa a desviar um pouquinho para outras dicções. Então, a pessoa, ela vai conseguir controlar – junto com os remédios né? – a questão dos delírios e alucinações. Porém, ela vai começar a ser uma fumante compulsiva. Eu não conheço tanto assim. Eu nunca trabalhei diretamente com casos de esquizofrenia. Mas é o que a literatura e as rodas de conversa de psicólogos de supervisão, elas demonstram.

Orador C: Tem gente que não sabe o que é um neurotransmissor né? Então só explicando, que o neurotransmissor é uma molécula do nosso cérebro que sinaliza de um neurônio pro outro, como que ele tem que agir. Só pra ficar explicadinho assim, que... né?

Orador A: É uma ótima explicação. Muito bom.

Orador D: Eu queria colocar numa caixinha essa explicação. Eu acho o maior difícil falar.

Orador A: Mas a esquizofrenia não é... não é aquilo que vai se encaixar dentro daquilo que a gente considera como psicopata né? Porque o psicopata, esse que a gente vai comentar mais,

em relação às características do cinema, muitas vezes, ele vai tá mais associado ao... ao perfil de transtorno de personalidade antissocial. E é aquelas características, que eu acho que a gente já comentou né? Questão da empatia, a questão da mentira compulsiva. A questão de ser até charmoso. Em algumas questões, ter um magnetismo né, de envolver as pessoas, de certa forma.

Orador B: É. Porque tinha... indo pro cinema né, tem aquele filme – eu não sei se a gente até citou – tem aquele filme que saiu agora em dois mil e dezenove, o Glass, que é a trilogia do Night Shyamalan. E eles... e esse... e esse tem uma cena muito específica, que eu... eu até queria colocar aqui pra vocês, pra ver o quão acurado isso pode... mas já que a gente tira... porque eu entendi aquele filme como um cara esquizofrênico. Mas eu também não sei se esse termo tava bem aplicado. Que agora a minha mente confundiu tudo aqui agora.

Orador D: Aquele cara qual? Aquele cara, o Glass?

Orador B: Não, o Glass não. o cara que fazia o personagem...

Orador C: O Fragmentado?

Orador A: Ah tá, o Fragmentado.

Orador B: É. O Fragmentado. Mas tem uma cena no Glass que ele tá... que o Fragmentado tá preso e aí ele vai... ele vai atacar a... a psicóloga né, a médica. E ela liga a luz. E aí, cada vez que a luz bate nele, ele muda de personalidade. E aí ele para de agir, enfim. E essa... e esse recurso do roteiro ali é muito simples. Foi uma jogada muito simples pra poder dar um dinamismo pro personagem. Mas, ao mesmo tempo – pra mim – me soou muito não acurado. Me soou muito assim: pera aí, mas isso aí ficou meio aloprado demais, sabe assim? Você joga uma luz e o cara tá em outro lugar. Aí você joga uma luz e ele tá em outro lugar, assim. E eles não se conversam. Aquilo pra mim ficou... ficou um pouco distante, um pouco fantasioso. Mas quão acurado é isso? Ou esse tipo de transtorno – eu não sei e eu posso chamar de transtorno – esse tipo de condição, ele não é uma psicopatia então? Essa não vai ser. Como esquizofrenia não entra na psicopatia?

Orador C: Eu não assisti o filme. Mas eu acho que nesse caso, ele não é um esquizofrênico. Ele tem... não é bipolar. É... múltipla personalidade.

Orador B: Isso. É. Porque ele...

Orador C: Isso.

Orador B: Supostamente são múltiplas personalidades dentro do cara né? Uma menina, um menino, um padre, uma freira. Sei lá. São dezoito personagens.

Orador A: Então, eu não vi o Glass ainda, mas eu vi Fragmentado. E a condição que ele tem é classicamente nomeada de transtornos dissociativos de identidade.

Orador B: Ok.

Orador A: E aí tem essa relação com o que geralmente é chamado de múltiplas personalidades né? Que ela... a pessoa tem dentro de si e assumindo o controle alternadamente, personalidades diferentes. E muito diferentes. E, às vezes, até com alterações tanto de habilidades dessa pessoa, quanto de voz. Existem alguns estudos. E tem um... nesse filme do Fragmentado, eu achei interessante, que eles trazem até, que algumas características que são mais biológicas assim né? A pessoa tende à alteração. Por exemplo: ela fica com problemas de visão, às vezes, dependendo da identidade que ela tem. E tem um caso que eles mencionam que é a do paciente, do...

Orador D: Da diabetes?

Orador A: Do personagem diabético.

Orador D: É. Legal.

Orador A: Que a pessoa tem as características de insulina diferenciada...

Orador B: Nossa... que loucura.

Orador A: Quando ela tá naquela identidade.

Orador B: É. Porque eu acho que esse filme até – se eu não me engano – ele foi baseado também num caso. E na época que o Fragmentado saiu, eu até li bastante a respeito, sobre a produção. Que tinha sido uma pessoa que fez uma denúncia né, sobre um assassinato. Isso é uma história real. Foi tipo: a polícia recebeu uma denúncia de um assassinato que tava rolando. E aí a polícia foi investigar. Conseguiu prender. E quando foram ver, a pessoa que fez a denúncia foi uma das personalidades do cara.

Orador C: Teve um episódio de Criminal Minds essa semana disso.

Orador B: É?

Orador C: É.

Orador B: Pois é, eu fiquei assim. Cara, mas então esse não é... eu, erroneamente, sempre pensei que isso era uma esquizofrenia. Não tem nada a ver com esquizofrenia então? Mas ela é uma psicopatia? Tipo: ela é um psicopata?

Orador D: Não, não é.

Orador B: Não?

Orador A: Não é um psicopata.

Orador B: Ave Maria. Vou pedir minha demissão do episódio.

Orador D: É um outro transtorno isso.

Orador A: É um outro tipo de transtorno.

Orador D: Posso fazer uma análise um pouco dessa trilogia? Eu acho que, para ficar didático? É assim: dentro do filme do Glass a gente consegue perceber bem assim, o personagem do Bruce Willis né, daquele primeiro filme, o Unbreakable, era Corpo Fechado né, o nome, o Unbreakable. Eu não sei exatamente o nome das coisas.

Orador B: É isso aí. Exatamente.

Orador A: Era Corpo Fechado.

Orador D: Era Corpo Fechado. E ele, eu vejo ele numa estrutura, ele é um esquizofrênico, é como se fosse uma esquizofrenia. Porque ele cria dentro dele uma realidade, que ele não vai sofrer determinadas né... ele não vai se lesionar, ele é inquebrável né? Ele tem o corpo fechado. E ele tem tipo, como se fosse um super-herói né, ele tem uma fraqueza. E ele tá criando uma nova realidade, que foge da... da nossa moral comum né? Foge de um raciocínio comum. E isso é característico de uma esquizofrenia. O Fragmentado, o personagem do carinha lá que tem as dezoito personalidades, entra em outro transtorno, que é o transtorno dissociativo de identidade, que é o que o André explicou. E aí, o personagem do Glass, do Samuel L. Jackson entra numa característica aí sim, de um psicopata. Porque a gente vê ao longo do filme, ele tem diversas ações, que ele manipula socialmente bem as pessoas, ele não tem a empatia, porque ele promove vários acidentes. Ah, a gente vai dar spoiler mesmo no filme né? Ele promove diversos acidentes...

Orador A: Ah, mas Unbreakable é de quando? Dois mil?

Orador D: É verdade.

Orador B: É. Não. Pode falar. É isso aí. Vamos lá.

Orador D: Então ele vai acabar promovendo vários acidentes só pra poder provar a teoria dele né? Em nenhum momento ele se demonstra empático, preocupado. Eu acho assim, o personagem do Samuel L. Jackson personifica bem o que é uma psicopatia. O do Fragmentado personifica bem o que é um transtorno dissociativo de identidade. E o Bruce Willis é o... é o esquizofrênico né? No filme, eles vão trazer uma nova narrativa pra colocar isso em xeque. Pra falar: poxa, será que realmente existe um superpoder ali naqueles personagens? Mas de uma forma mais científica, eu acho que dá pra fazer essa leitura.

Orador B: É. Porque no Unbreakable, eles... na verdade até em termos do argumento do filme, ele não acredita né? Ele acha que...

Orador A: É. Eu ia comentar isso.

Orador B: Na verdade, o filho dele que fica colocando na cabeça dele...

Orador D: Verdade.

Orador B: Não, você é, você é, você é. E ele não acredita. Aí no filme, no terceiro filme, ele tá convencido que é.

Orador D: Mas quanto disso não entra também assim, dentro da própria jornada do herói né? Porque se ele se identifica como herói, ele tem que ter um momento de negação. De: oh meu Deus...

Orador B: Sim.

Orador D: Eu não sou tudo isso. Igual, tipo um Harry Potter, sabe? Então...

Orador B: Sim, sim.

Orador D: Às vezes, tudo isso fez parte da... desse... desse processo de delírios e alucinações. Ou eu estou tentando vestir uma roupa num personagem, que não cabe. Não sei.

Orador A: É uma possibilidade. Até porque, quando eu fico pensando... é que eu não vi o Glass né? Mas como é que foi traduzido Glass? Alguém sabe?

Orador D: Vidro.

Orador A: Vidro?

Orador B: É.

Orador A: Só Vidro mesmo?

Orador D: É. Senhor Vidro ou Mister Vidro. É. Não. Ficou ruim.

Orador A: Ah tá. Mas no Corpo Fechado né, o Unbreakable lá, a minha sensação que eu tinha é que ele tinha um daqueles... uma daquelas condições que é mais rara ainda, que a pessoa, ela sente menos dor ou não sente dor, que ela tem uma falha nessa...

Orador D: Ah... mas a pessoa não vive tanto quando é assim. E ele mostrava, em alguns momentos, super força né?

Orador A: Sim, sim.

Orador B: E nenhuma cicatriz também né?

Orador A: E nenhuma cicatriz. É. Ele tem essa questão de não se machucar efetivamente. Mas me remeteu a esse tipo de condição quando...

Orador B: É. No filme, ele sobrevive a uma queda de um avião. Não. Uma queda de avião não. É um trem né?

Orador A: Sim, sim.

Orador B: Eu acho que é um acidente de trem que...

Orador A: É um trem descarrilado.

Orador B: Um trem descarrilado que mata todo mundo e ele fica. E aí que começa o mito em cima dele né? Aliás, o primeiro filme esse, Unbreakable é fantástico. Uma obra de arte. Fantástico mesmo.

Orador A: Eu gosto do primeiro. Eu gosto muito.

Orador B: E aí – na minha opinião – eles vão... eles vão ficando pior. O segundo que é o do...

Orador C: Foi o único que eu assisti.

Orador B: O dois?

Orador C: Não. O Unbreakable. Foi o único que eu assisti. E é excelente.

Orador B: É. Ele é muito bom. Ele é muito bonito, ele é bem filmado e tal. Aí no segundo, ele já começa a brincar demais. Eu acho que ele é feito, talvez, por uma equipe de roteiristas, que talvez não conheçam muito sobre as questões que a gente tá discutindo aqui. Porque começa a ficar uns argumentos da psicopatia. E aí parece que é tudo fantasioso, da cabeça daquele cara. E que ele tem um transtorno qualquer de múltiplas personalidades. Só que ao mesmo tempo, ele também manifesta coisas muito... que não são só...

Orador A: Muito além.

Orador B: É. Que não só muito além. Mas como se ele efetivamente estivesse possuído por um demônio, uma besta fera, que tivesse a força de cinco homens juntos. Sabe? Uma coisa assim: sobe nas paredes. Ele faz umas coisas que meio assim, que mesmo que o cara... porque uma coisa é o cara mudar a insulina do sangue, sei lá, isso é uma coisa.

Orador A: Sim.

Orador B: Porque ter diabetes é possível.

Orador A: É uma relação comportamental.

Orador B: É. Agora, o cara meio que voar me parece já que não tem uma personalidade que justifique.

Orador C: A impressão que eu tive quando eu vi o trailer é que ficou bem caricato essa mudança das personalidades dele. Ficava muito exagerado.

Orador B: Isso. É.

Orador C: Não sei. Eu acho que...

Orador B: É. E no primeiro, no Unbreakable, eles não explicam muito. O filme como um todo, o roteiro, ele não explica tudo. Fica tudo no ar. A gente fica sem entender exatamente o que está acontecendo. No segundo eu acho que eles resolveram assumir: não, então vamos falar de super-herói mesmo. E aí ficou quase um filme de herói realista assim mesmo. E o terceiro só foi pro fundo mesmo do poço. Nesse sentido, o argumento virou galhofa mesmo. Virou brincadeira sobre super-herói.

Orador D: Eles precisavam utilizar as habilidades do ator lá. Como que é o nome do cara? O cara é...

Orador A: James McAvoy.

Orador D: É. James McAvoy. Eles precisavam mostrar que o cara, tipo, merecia um Oscar sabe? Ganhou? Não. Mas...

Orador B: Não. Até eu acho que inclusive nessa cena que eu me refiro, do Glass, tem uma cena que é ótima. Porque é isso: ele tá... ele tá atuando com um personagem. E aí de repente, rola um flash de luz, ele muda de personagem. Rola um flash de luz, ele muda de personagem. Mas isso na verdade fica só uma... uma demonstração das... do personagem. Mas efetivamente nada acontece né? Então assim é... o filme não andou pro lado da discussão da psicologia né? Como eu acho isso muito. Porque a primeira vez que eu vi essa notícia, eu fiquei achando muito maluco. Uma pessoa denunciou o assassinato em massa de um grupo. Depois, quando foram descobrir, era a própria pessoa. Era a personalidade dentro dela né? Pô, isso dá muito assunto pra discutir. E no fim das contas fica só um showoff de atuação né?

Orador A: Sim. Então a gente poderia começar falando de um filme de psicopata, talvez um dos mais interessantes, que é o Prenda-me se For Capaz. Alguém poderia dar uma sinopse do filme bem rapidinho?

Orador C: Heineken, a deixa é sua.

Orador B: Então, Prenda-me se For Capaz é um filme de quando? Dois mil e dois, por aí, dois mil e um? Dois mil e dois?

Orador D: Dois mil e dois.

Orador B: Uma obra fantástica do Steven Spielberg né, dirigida pelo Steven Spielberg, com o Di Caprio e o Tom Hanks. E eles fazem... é um remake na verdade. E eu acho que também é um filme baseado num fato real.

Orador D: Sim.

Orador B: Um fato real. Que é um cara que é meio que um mentiroso compulsivo. Um cara que dá golpes compulsivamente. Quer se dar bem na vida. E ele tem uma coisa por roubar né? Por enganar as pessoas. E aí o filme é a briga e uma brincadeira quase, que vira entre o proto FBI, tentando descobrir esse... esse vilão, esse bandido, que tá passando cheques sem fundos pelos Estados Unidos afora. Viajando, fingindo que é piloto, fazendo... trabalhando, fingindo que é médico. Dando aula em universidade fingindo que é... ele vai enganando todo mundo. Ele vai entrando em toda a sociedade e gastando muito dinheiro. E o FBI tentando descobrir, tentando pegar esse cara né? Porque, talvez – pelo menos na história do filme – você tinha um FBI muito proto mesmo, muito inicial, sem muitas... tinha todo o lance de uma confiança. Os bancos eram muito confiantes. Os caixas do banco. Todo mundo confiava um no outro. O cara dizia que era a pessoa. Não tinha aquele negócio de conferir documento,

sabe? E mesmo assim as falsificações dele começou a ficar cada vez mais avançada. Ele tava num lugar muito propício pra conseguir fazer na sociedade baby boom do capitalismo. Então, é um filme muito interessante, muito inteligente, que mostra esse sabonete que esse cara virou. E, aparentemente – pela história do filme – conta que esse cara depois, acabou trabalhando no departamento de fraudes do FBI, de tão inteligente e sedutor e sagaz de falsificação de cheques. E foi a pessoa que, talvez, ajudou os cheques serem tão seguros hoje né, assim. Teria uma segurança maior. Porque tem o double check, aí depois tem o número do código. Enfim, o cheque acabou virando uma coisa mais segura, porque esse cara mostrou uma fraude. Ou mostrou como era fácil fazer fraude no cheque, passando milhares de cheques sem fundos, sem nada, enfim. Esse é o Catch Me If You Can.

Orador D: Eu acho que dentro da narrativa do filme, algumas pessoas, talvez, se perguntem assim: poxa, esse cara era tão gênio assim? Ele era um super gênio? Mas outras pessoas não podiam também falsificar, fazer essas coisas que ele faria? E aí eu acho que entra uma característica do psicopata, que é a falta do medo também né? Ele não se sente incosequente. Ele é confiante. E ele tem a manipulação social a um ponto, que ele pode fazer quantas vezes ele quiser. Então, a gente pode parar pra pensar assim, no ensaio mental e social né? Claro, tudo totalmente teórico. Que outras pessoas também conseguiam falsificar cheques igual ele fazia. Só que ela fazia com muito medo, uma vez ou outra. E assim, uma hora ela ia ser pega. Só que a habilidade, uma das características grandes do psicopata, que é esse bom relacionamento interpessoal que ele estabelece né, e que, na verdade, é tudo maquiado. Porque ele não tem aquela sensação né, de empatia, de preocupação. Então é quase como se fosse um ator perfeito para a situação. Aquilo caía como uma luva. Por isso que ele permaneceu dando golpes durante tanto tempo. Por isso que as coisas deram certo a longo prazo pra ele e não pra outras pessoas.

Orador A: É. Até quando você tava falando dessa característica, que é bem interessante, que tá associada também àquilo que a gente comentou antes, da amígdala né, do cérebro. Eu acho que a gente não comentou isso, que a amígdala é do cérebro e não da garganta.

Orador C: Esquecemos desse detalhe importante, que é uma área específica do cérebro.

Orador D: Superimportante.

Orador A: Que tá associada a essas respostas de medo. E aí eu lembrei inclusive da... do... daquele filme Instinto Selvagem né? Que tem uma cena clássica, que é ela passando por um detector de mentira. Vocês lembram de Instinto Selvagem?

Orador D: Nunca assisti.

Orador C: Ahã.

Orador B: Ahã.

Orador C: Sim.

Orador A: É a Sharon Stone né?

Orador C: É o filme da cruzada de pernas mais famosa do mundo.

Orador A: A Sharon Stone, ela é uma... isso. É o filme da cruzada de pernas. Obrigado Tábata. Mas tem uma outra cena – que pra mim é bastante icônica – que é quando ela passa por um detector de mentira, que eles estão tentando pegar ela e tudo mais. E ela passa sem acusar nada. Porque tem essa... essa característica do... do psicopata, que ele tem baixíssima resposta de medo né? E aí tem baixa ativação. E essa máquina, detector de mentira, que eu tô fazendo aspas aqui no ar, inutilmente. É... ele é apenas um detector na verdade, de ativação fisiológica né? O quanto que a pessoa tá ativada quando ela tá comentando aquelas coisas.

Orador B: Ahã.

Orador A: E um psicopata, ele passaria nisso facilmente né? Ele consegue mentir, justamente sem ter essas reações fisiológicas adversas.

Orador B: É. Até o Prenda-me se For Capaz tem duas cenas muito ilustrativas disso, que é quando ele começa a dar aula numa universidade sem ser o professor. Ele tava como aluno. Na verdade, era tipo: primeiro dia de escola. Ele resolve. Aí ele resolve ir pra frente. Ele vai pra frente e começa a pedir silêncio. A turma – porque ele é fisicamente novo, quem interpreta é o Leonardo Di Caprio; e o garoto é novo, ele tem quase a mesma idade dos alunos – então, a turma não respeita. E ele dá uma de: cala a boca, não sei quê. Dá uma bronca, com uma convicção, que todo mundo acredita cara. Esse cara tem que ser o professor. Porque ninguém conseguiria ser tão crível quanto esse... se ele não fosse o professor. E a outra é quando o agente do FBI encontra ele também e pede a identidade dele: posso ver sua identidade? E aí ele pede pro cara baixar a arma. Ele diz: posso. Mas você pode baixar a arma? Porque eu fico nervoso com revólver, não sei quê. E com uma convicção, com tal seriedade, que o agente do FBI acredita né? Tipo: esse cara, com certeza um agente ancor qualquer. E o cara acredita. Porque ele é tão convicto, tão sedutor né, tão real.

Orador C: Se você for pensar nas respostas fisiológicas de medo e insegurança, o que o André falou é verdade. Quando você tem um teste de mentira, ele vai tá avaliando respostas como frequência cardíaca. Se você tem medo de ser pego na sua mentira, você vai aumentar o seu ritmo cardíaco. Tem gente que vai começar a suar. Tem gente que vai começar a gaguejar. Tem também aquele outro seriado, o Lie to Me, que fica olhando a frequência do globo ocular, que a pessoa que tá mentindo mexe o globo ocular muito. A pupila dilata...

Orador A: A pupila dilata. É.

Orador C: Então assim: você tem várias respostas fisiológicas que vão tá associadas a isso.

Orador A: É. Tem uma outra coisa que eles medem também, que é a... a condução galvânica da pele, que aumenta essa condução galvânica né, elétrica sobre a pele, quando a gente tá mais ativado. Que é uma outra característica. É a principal que eles usam, que as coisinhas ficam presas nos dedos da pessoa. Não tá dando choque.

Orador B: Só que essas... só que essas... eu ia perguntar uma coisa. Eu não sei se foge muito. Mas essas... essas... esses testes, eles são acurados de fato ou precisa de muita triangulação

pra chegar em algum resultado? Porque sei lá, por exemplo, eu... eu sei... eu sei do ponto de vista da atuação. Se eu tiver que... quando eu dou aula ou quando eu vejo alguém atuando, que eu sei que a pessoa não consegue atuar. Ela tá atuando muito mal, tá muito nervosa. Eu consigo dizer o que é isso: ela tá muito nervosa. Mas a pessoa: ah, eu tô com o coração pulsando. Eu tô morrendo de medo aqui, pensando se eu vou errar, se eu vou não sei o quê. Só que quando eu tô atuando – mesmo que eu tenha já vinte anos de atuação – eu... eu acho que se alguém botar isso em mim lá, talvez pegue essas mesmas coisas sabe? Porque eu fico me sentindo assim. Eu também me sinto transpirando. Eu também me sinto nervoso. Mas ao mesmo tempo, eu não sei se alguém consegue reparar se eu tô nervoso. Sabe? Então a minha dúvida é tipo: essas... essas máquinas, elas são tão detalhadas que elas conseguem chegar nesse lugar? Isso é acurado o suficiente?

Orador A: Então: sim e não.

Orador C: É. Eu ia falar que do meu chuche, pensando fisiologicamente, eu entendo o nervosismo de quando é a gente executando alguma coisa. Porque quando eu ia pro palco dançar, eu também ficava nervosa. E aquele nervosismo de tipo: estou entrando no palco. Eu não posso errar. Tipo se eu errava ou não, não tem problema. Mas se eu assistia alguém dançando eu sabia dizer se essa pessoa estava nervosa dançando ou não. Porque você, quando você já tem uma experiência nisso, você consegue perceber esses detalhes. O que eu acho que acontece é que vai existir um limiar na frequência cardíaca, por exemplo. Então vai ter o... a frequência cardíaca de quem vai tá atuando, dançando ou fazendo aquela atividade, vai aumentar. Mas vai aumentar até certo ponto. A pessoa que tá mentindo vai aumentar muito mais do que aquilo. Mas isso é suposição.

Orador A: É. Então é... a maior parte do que a Tábata falou está correta sim, no sentido de que a gente tá... vai ter essa característica, que vai ser em intensidades diferentes né, pra cada um. Então pessoas que têm menos habilidade ou estão mais nervosas. Quando a gente consegue perceber ela já tá numa ativação muito maior. É... mas nessa questão do detector, ele... na verdade, ele é muito ruim. Porque alguma pessoa, ela pode ficar tão nervosa por tá passando pela situação de tá sendo entrevistada sob aquela situação, sob aquelas condições, que ela pode ativar o detector ali, de ativação fisiológica, mesmo sem estar mentindo né? E aí, o que geralmente se fazia é: você faz uma linha de base, inicialmente. Então começa a medir por um tempo. Faz algumas perguntas sobre... genéricas. Não genéricas, mas normais, tipo: nome, idade, enfim, coisas que são da pessoa, pra você ter uma linha de base. E aí depois, começar a verificar as flutuações disso, ao longo da conversa.

Orador D: Ahã. É quase como uma calibragem né André?

Orador A: É. Exatamente. Mas eu queria voltar a falar do Prenda-me se For Capaz. Porque gente acabou saindo um pouco do filme. Mas que tem uma outra coisa na história dele, que é uma característica bem interessante também do psicopata. É uma capaci... é uma inteligência, que ela é uma inteligência de lidar com situações, de se colocar nas situações e ter uma lábia né, pra que consiga fazer as pessoas acreditarem que ele tem conhecimento específico ou muito vasto, sobre aquela coisa. Sobre aquilo que ele tá tentando passar a perna

necessariamente. Então, por isso que ele também se passa pelo professor, depois ele se passa por um piloto de avião também né?

Orador B: É.

Orador D: Sim, sim.

Orador B: Piloto de avião, professor e médico.

Orador A: Mesmo sem ter né, um conhecimento formal sobre... sobre isso.

Orador B: Sobre nada. Nada. Ele tipo, pela história dele, na real, na real até é uma história tipo: ele é um consultor de segurança né, real, hoje né? Que conseguiu fazer tudo isso. Ele virou um consultor de segurança. Ele conseguiu dar aula numa escola. Ele conseguiu trabalhar num hospital como cirurgião chefe ou sei lá o quê. E conseguiu virar piloto de avião. Sem nunca ter passado, acho que nem pelo ensino médio. Só falando que ele era isso.

Orador D: É que tem uma questão assim, que dentro desse... dessa lábia de um, sete, um, que as pessoas têm; parece muito uma questão de dom. É algo que a gente tava até conversando off, antes de gravar. Só que existe uma leitura e técnicas que você pode utilizar pra você manipular as pessoas de alguma forma né? Então, dependendo da forma que você apresenta o seu discurso. A forma que você traz a leitura dessa pessoa. Existem tipo, várias pequenas leituras e microtécnicas, que você aprende a fazer isso né? E o psicopata, ele traz esse conjunto de... de... essas skills – digamos assim – muito bem desenvolvidas. Quando a gente fala dessa psicopatia, ela vem quase como uma predisposição né? Então a pessoa, ela já nasce quase que sem essa habilidade de criar empatia. Ela também tá trazendo um repertório grande de leitura social né? É realmente uma inteligência que essa pessoa tem. Ela não fez o ensino médio, ela pode não ter a inteligência acadêmica. Mas ela tem essa leitura social. Se a gente falar da teoria das inteligências múltiplas, essa pessoa tem uma inteligência interpessoal fora do comum. Com certeza, com certeza fora do comum.

Orador B: É. Na biografia dele aqui – eu estava procurando enquanto você estava falando – eu vi aqui no MDB sobre o filme. Aí tem aquelas trivias, que fala sobre a biografia dele, do cara que escreveu. Porque ele também escreveu o roteiro. Ele escreveu o livro que foi baseado o roteiro. Eles dizem que ele tem um QI de cento e trinta e seis. Que antes dos vinte e um anos, ele já tinha sido piloto de avião, se passou por piloto de avião, físico, agente penitenciário, tipo umas cinco coisas. E assumiu oito identidades. Ele foi o maior impostor entre os quinze e os vinte e um anos.

Orador A: Tem uma coisa que eu queria acrescentar ao que o Rafa falou. É que a pessoa, o fato de ela não ter tanto também essas características de empatia. Ao longo do desenvolvimento, também permite que ela experimente mais essas... essas pequenas manipulações. Então ela, além da predisposição, e, provavelmente também, de uma característica de inteligência mais alta. E aí eu acho que vale um ponto, talvez também, a gente não esteja falando de uma pessoa, que além de psicopata, ela tem uma alta habilidade né? Ela tem altas habilidades. Porque né, as coisas, por mais que não sejam juntas sempre, mas elas podem estar né, numa pessoa. Pode acontecer. E aí permite que ele vá treinando

essas características ao longo do desenvolvimento, porque ele já tem menos escrúpulos assim, se a gente for falar de forma bem senso comum, de tá se preocupando se ele tá manipulando alguém ou se ele... né? O que ele tá fazendo ali naquela situação. Existe alguma coisa que vocês lembram do filme, que, talvez, não se encaixaria ou que fica estranho em relação a psicopatas?

Orador B: Bom, eu não sei em relação a psicopatas. Mas eu lembro que no final do filme – mais pro final – ele vai ficando muito infantilizado. Porque como eles tratam o personagem, de que ele começou muito cedo com uma arrogância, uma sedução muito forte, pra poder conquistar isso. E ao longo do tempo, ele vai se relacionando com o personagem que o Tom Hanks faz, ele vai se relacionando com o agente só por telefone. E aí ele vai se transformando né, numa infantilização assim. Ele vai meio que precisando de um pai pra poder ser... e o personagem do... e o agente também trata ele como um pai, como um filho em algum momento, sabe? Aí no final ele tá super fragilizado, chorando, pedindo que quer parar, sabe? Assim, ele tá super ultra fragilizado e infantilizado. Assim, eu não sei se isso procederia. Eu acho que, talvez, que como é baseado num livro que ele mesmo escreveu sobre a vida dele, talvez ele tenha transformado o personagem meio que num anti-herói. Mas no finalzinho deu uma... uma passada de pano pras coisas. Porque querendo ou não, ele foi um vigarista cara. É um bandido né? Só que o filme trata ele como uma coisa assim cara: esse cara é muito sagaz, inteligente. Olha o tanto que ele é esperto. E no final ele termina bem, assim, tipo: tá tudo bem. Então, ele não vai transformando o cara num maluco cruel sabe? Frio e calculista. Ele vai ficando frágil, precisando de ajuda, apoio e abraço. Sabe, meio que assim.

Orador A: Então, eu fiquei pensando que sempre que a gente fala psicopata, principalmente de tratamento né, quando a pessoa está num processo psicoterapêutico hoje, de identificação. Ele tem umas capacidades de sedução e manipulação muito fortes. E eu fico pensando se essas características que você identificou como infantilizadas também não é uma forma de manipular o cara que tava tentando capturá-lo né?

Orador B: É. Eu acho que no filme... pode ser. Mas eu acho que no filme, eu acho que não. No filme, eu acho que eles estão... eles estão transformando o personagem num ... pelo menos pra mim, a minha leitura é que ele realmente transformam o personagem. Porque você vê o personagem sozinho, né? Você vê o personagem chorando. Você vê só o personagem nesse momento de fragilidade. Ou ele ligando pra mãe. Entende? Numa coisa assim meio... meio isolado né? Não ganhando nada com isso, só mesmo demonstrando uma fragilidade.

Orador D: Mas o quanto também isso não foi só uma estratégia de roteiro né, pra poder dar uma romantizada no filme. E eu fico pensando também assim né, quando chega no final da história e ele tá ajudando o FBI com essas questões, tá ajudando a polícia né, a identificar outras fraudes, o quanto isso não enchia o ego dele. Então não é uma questão altruísta no final. Para ele, talvez, ele mesmo saiba que ele não tá virando um herói. Ele só tá mostrando o quão superior ele é pras outras pessoas né? Tipo: olha o poder que eu tenho. E agora eu posso mostrar isso pra todo mundo. E aí pra mim, o traço de psicopatia vai continuar, só vai se confirmar na verdade.

Orador C: É. Esse... o enredo desse filme me lembra muito aquele seriado, White Collar, que é também de um cara que é ladrão de artes e coisas extremamente caras e que ele acaba sendo pego, porque ele tava... ele foi arrogante. Tentou fazer um roubo muito maior do que ele conseguiria dar conta. Mas ele passa a ser consultor do FBI pra crimes de colarinho branco. Então... e ele, mesmo assim, em paralelo, continua planejando pequenos roubos ou dizendo: se eu fosse roubar isso daqui, eu faria dessa e dessa forma. Sabe? Pra mim é mais a questão de inflar o ego, do que de um arrependimento e querer mudar.

Orador D: Sim.

Orador A: Bom gente, agora que a gente já falou um pouquinho de filmes com psicopatas e tão bem representados no cinema, mas que não necessariamente é um assassino, eu queria falar do ícone do cinema de psicopatas, que inclusive tinha relação com a minha abertura, que é os filmes do Hannibal, começando pelo Silêncio dos Inocentes e passando por toda a trilogia e todas essas características, em que a gente tem contato tanto com o Hannibal, que ele tem algumas das características, quanto outros assassinos que ele ajuda a capturar ou não.

Orador C: É. E tem também a própria personagem que é a psicóloga, que acompanha ele nos casos.

Orador A: Isso. É.

Orador D: Eu acho que o que é brilhante dos filmes assim, do Silêncio dos Inocentes, eu acho que é muito didático se a gente pegar o primeiro filme né? Que fala da história do Buffalo Bill, que ele sequestrava as meninas pra tirar a roupa delas. Pra tirar a roupa nada. Ó. Pra tirar a pele delas e construir uma própria pele pra ele, pra ele poder se vestir. Tinha um lance com a mãe dele também, um lance que ele mexe com costura. E assim, ele não se fragilizava pela... pela característica assim, do sofrimento das meninas. E a gente poderia chutar que ele é um psicopata. Só que aí você vê todo um histórico de violência, de desamparo. Eu acho que a questão – a gente não falou isso lá atrás – na questão da sociopatia, a pessoa estar desamparada. Ela passar por um grande histórico de punições sem entender o porquê. Isso vai influenciar demais no comportamento dela no futuro. E aí a gente vê o personagem do Buffalo Bill se desenvolvendo dessa forma. Em contrapartida tem assim, a atuação excelente do Anthony Hopkins fazendo o Hannibal. E ali você vê a estrutura do psicopata. Porque ele tem uma frieza e uma leitura social – que a gente até falou da estrutura do filme Prenda-me se for Capaz, né? – a leitura social dele é tão forte que a polícia vai lá e pede pra ele as coisas. E aí a gente vai vendo também as questões da frieza, que isso é algo que quase parece natural pra ele. Tem uma cena – eu não lembro se é no primeiro filme ou nos outros – que assim: ele tá medindo. Eles comentam, que tava medindo os batimentos cardíacos. E aí ele assassinou ou mordeu uma enfermeira. E continuou normal os batimentos dele. Então, até num momento assim, de grande emoção, ele... ele mostrou controle. Eu acho que o Silêncio dos Inocentes é o traço perfeito assim, do que é o psicopata né, dessa manipulação social e essa quebra de vínculo né, com as emoções, até o que a gente já falou; da amígdala. Dentro do personagem do Hannibal e dentro do personagem do Buffalo Bill a gente vê a questão da sociopatia né? A gente vê – digamos assim – o monstro. A construção de um monstro nascendo, se desenvolvendo e fechando o seu arco.

Orador A: Ahã. Eu acho que é perfeita a descrição que você faz assim. Principalmente mostrando essas relações. E como ele também tenta, na relação dele com a psicóloga, no primeiro filme, com a Jodie Foster, que ele vai tentando sempre aproximar ela dele, assim né, no sentido de tentar atrair ela pra ele. Não no sentido romântico. Mas no sentido muito característico de um predador e a sua caça, assim né? Que eu acho que uma das características que o cinema gosta de explorar muito quando a gente tá falando de psicopatia, dos psicopatas necessariamente.

Orador D: Sim. A conquista não sexual. É conquista pela... quase que pela intelectualidade. Eu não sei descrever bem isso. Eu acho que o Gustavo talvez, eu vou jogar essa bola pra ele aí, pra saber descrever esse fenômeno. Mas é o que o André falou. Não é tipo assim: ele não quer conquistá-la para transar com ela. Ele quer conquistá-la para conquistar. Pra ter esse troféu, digamos assim né? Porque ele tá numa posição super que é... que não seria viável pra isso. E aí entra também a construção do roteiro pra tipo, mostrar que, olha: ele é tão bom que, mesmo nessa situação, ele consegue. Sabe? Não sei se é bem isso não.

Orador C: Eu tenho uma... eu tenho uma leitura – roubando o termo do Heineken – eu tenho uma leitura diferente. Que pra mim parece mais uma coisa de mestre e aluno. Sabe? Ele sendo... ele ensinando ela o que é ser um psicopata. Ele ensinando ela quais são... como é que funciona a cabeça de um psicopata de verdade. Como analisar os comportamentos desse tipo de pessoa.

Orador A: É. Mas não deixa... não deixa de ser uma...

Orador C: Não deixa de ser uma conquista.

Orador A: Uma conquista né? No sentido de... parece que ele se alimenta daquilo ali. Alimento é muito metafórico. Mas que ele tá olhando praquilo assim ou não.

Orador D: Ou não.

Orador B: É. Eu sempre lia esse filme assim, que pra mim era uma metáfora de um aluno que acabou de se formar em psicologia e tá indo pro mercado de trabalho. Tipo isso. Ele... ele é o mercado de trabalho e ela é o recém-formado, aluna. Ela acabou de sair da faculdade. Vou testar. E aí tipo: plá. Acontece aquilo. Sabe? Porque é isso. Eu também... eu também entendo esse lance, que a Tábata colocou assim, que é um lance de não só... é porque também esse filme, ele é muito complexo né? Assim, ele é uma obra muito bem elaborada. Ele tem toda uma cinematografia muito bem-feita. O roteiro é muito... é muito redondo. E todos os posicionamentos de câmera, a parte técnica desse filme. Ele é uma grande obra. Ele não é só um conteúdo muito interessante. E ao comparar ele, por exemplo, com Unbreakable ou Glass, por exemplo, é até crueldade. Porque é isso: a impressão que dá é que nesse filme você tem uma consultoria de pesquisadores, biólogos. Sabe? Cientistas de verdade atrás, pra fazer uma curace e falar: não, isso aqui é possível, isso aqui não, isso aqui... entendeu? Pra construir o argumento do roteiro todo. E as interpretações também são num nível já acima, em termos de... qualitativamente elas são muito melhores assim. Todo mundo sabe o que tá fazendo ali. Sabe? Então é difícil. É injusto até. Mas ele tem... eu também leio dessa forma, essa coisa

de... de uma grande metáfora sobre um ensinamento. Sabe? Sobre uma... sobre o poder de exercer o poder daquilo que eu sei. Tipo isso sabe?

Orador D: Tipo no Prenda-me se For Capaz. Que também tem essa questão que a gente discutiu mais pro final, que ele queria trazer essa superioridade dele.

Orador B: Isso.

Orador D: Olha o padrão se repetindo. Em contrapartida, eu acho que é legal. Que é um filme que não foi tão famoso quanto, mas faz parte dessa série de filmes, que é o Hannibal, a Origem do Mal. Que eles tentam, de alguma forma mostrar de onde... como que o Hannibal se tornou o Hannibal. Como que ele se tornou o psicopata. E eu acho que aí nesse filme, aí ele... ele mostra de uma forma muito... muito errônea, muito caricata. Como se fosse uma fórmula né? Então no filme vai mostrar a infância do Hannibal Lecter. E aí vai ter um problema que passou com a irmã dele. E aí teve a questão dos sequestradores, que acabaram praticando canibalismo. E, de alguma forma, aquilo vai... vai inspirar, vai manifestar a psicopatia nele. Só que aquilo é tão caricato. Aquilo ali poderia ter tantos outros desenrolares, do que poderia ser ele se tornar um serial killer, que come as vítimas que ele faz. E eu acho que aquilo empobrece tanto o personagem. Porque eles fizeram isso.

Orador B: Porque baseia só na maldade né, cara? Eu acho que é só tipo assim: ele simplifica pela maldade só.

Orador A: É. A minha sensação com esse filme é que eles tentaram vender filme com o nome Hannibal.

Orador B: Exatamente.

Orador A: Porque ele não tem... não tem relação com o personagem assim. É outra história, parece. Os tempos... eu não lembro agora com clareza assim, mas a sensação que eu tive é que até temporalmente ele não se encaixava na trilogia do Hannibal.

Orador C: Essa sensação da temporalidade eu também tive assim, principalmente na parte que ele tá na faculdade de medicina. E aí ele tá lá naquela... tem uma cena que ele tá nuns tanques, com os pedaços dos corpos e aí ele mata alguém lá no ambiente. Eu falei assim: gente, não tá casando. Não tá. Não faz sentido.

Orador D: Sim. E assim né, Hannibal é uma trilogia. Hannibal, O Silêncio dos Inocentes e Dragão Vermelho foi escrito pelo Thomas Harris. Hannibal, a Origem do Mal é só um filme. Tipo assim: não teve a mesma mente brilhante escrevendo. Sim. Mas é um bom contraponto né, do que não... do que não entender como... beleza, isso aqui... se a gente tá tentando trazer de alguma forma a questão acadêmica do que é ou não um psicopata, um sociopata, eu acho que é importante só a gente mostrar tipo: ó, não é.

Orador A: Isso. Ele não... ele não representa o que seria o desenvolvimento ou as características de um psicopata né? É. Alguma coisa além do Hannibal, a Origem do Mal, que seria um problema, no Silêncio dos Inocentes e a trilogia do Hannibal?

Orador D: Eu acho que do filme do Dragão Vermelho, a estrutura do personagem principal vai lembrar, pela minha visão assim, mais uma questão de... de esquizofrenia do que de um sociopata, de um psicopata né? O rapaz que vai tatuar lá o dragão nas costas e vai... ele começa a achar que ele é uma... uma... quase que um escolhido divino. E isso é uma característica muito forte dentro da esquizofrenia, essa parte de espiritualidade. Não que eu tô falando que é mentira ou que não é. A gente não tá aqui pra julgar isso. Mas dentro do transtorno de esquizofrenia é muito comum aparecer um lado espiritual dentro das psicoses, muito aflorado. E é o que aparece no personagem do Dragão Vermelho, dentro dessa trilogia. É muito didático.

Orador A: É. Mas esse filme da série, ele realmente é bem interessante nesse sentido, de como ele vai mostrando essas características, que em outros filmes acaba ficando muito na... na lógica da... da alucinação, do delírio, daquela coisa muito caricata. E nesse filme não, ele mostra a esquizofrenia de uma forma mais de como é que as outras pessoas veem o esquizofrênico.

Orador B: Eu não sei. Eu ia até falar uma coisa. Porque eu não queria entrar nesse outro assunto. Porque pode ser muito desviado. Mas assim, A Origem do Mal, até onde me consta – aí tem que checar isso se for o caso, checar na internet aí – até onde me consta, A Origem do Mal também é escrito... também é escrito pelo mesmo roteirista do Hannibal. Sabe? Do... do... é a mesma galera né, assim, tipo: é o mesmo roteirista, na verdade. É outro diretor, mas é o mesmo roteirista, eu acho. E é mais assim, me parece mais uma questão mercadológica mesmo. Para mim sempre foi. Eles pegaram a complexidade de falar sobre psicopatia e a esquisitice de você ter um protagonista que é... é feito por um grande ator né, que é reconhecido também. E ao mesmo tempo, ele tem que ser sedutor, interessante, inteligente. Você acompanhar a história. E, eventualmente, até gostar dele né? Querer que ele... como a gente faz com os vilões, como a gente faz com o Darth Vader né? Tipo, de gostar da vilania dele até um determinado ponto, pra manter o... o espectador no filme. Então escrever isso deve ser muito difícil. Porque você beira – ainda mais um filme realista nesse nível – você beira a... é... achar várias psicopatias no público né? Tipo sei lá, e acabar... e acabar forçando uma... uma análise mais cruel, de que todo mundo curte ficar vendo o cara morder a pessoa e tal. Sabe? Tipo, esse lugar aí que é o que eu acho que O Silêncio dos Inocentes tem de maestria, é conseguir essa... essa nuvem né, do que é certo e errado, em termos de atração. E... e aí quando eles foram fazer a versão de dois mil e poucos, dois mil e cinco, dois mil e sete, sei lá o quê.

Orador C: Dois mil e sete.

Orador B: Dois mil e sete, a versão, eles optaram por simplificar só a maldade. Tipo: ah, vamos botar. Mas não vamos deixar complexo não. Vamos falar só duma coisa, porque ele vai... eventualmente, ele vai envelhecer ainda. Então ele vai ganhar esse deep pensamento assim, quando ele for ficar velho, talvez, sei lá. Mas eles... eles estabeleceram uma... uma coisa um pouco mais simples. Mas ainda eu entendo como ainda a mesma... a mesma linha. Sabe? A mesma galera, assim. É o mesmo roteirista. Isso já garante que é a mesma história, sei lá.

Orador C: É. Eu acabei de ver aqui, o roteiro de Hannibal, a Origem do Mal é do Thomas Harris. O do Silêncio dos Inocentes, o roteiro é do Ted Tally, que é baseado no livro O Silêncio dos Inocentes, do Thomas Harris.

Orador B: É.

Orador D: Nossa... eles tinham recurso e cagaram. É isso.

Orador C: Eles tinham o autor...

Orador A: É. Mas isso prova...

Orador C: Eles tinham o autor. E o autor fez o roteiro que o outro tinha feito, da adaptação do livro do cara.

Orador A: Então, mas isso prova que nem todo bom escritor de livro é um bom roteirista né? É um bom dramaturgo.

Orador C: Claro.

Orador B: Porque a gente acha que o... muitas vezes o filme é para além do roteiro né? Assim, o roteiro é o grande mestre do filme. Então o roteiro, ele vai dizer tudo, o ângulo de câmera, a quantidade de informação e tal. Assim, depois o poder vai tá na mão efetivamente do diretor e depois do editor, que pode ou não mudar; modificar um pouco o roteiro ainda. Mas o cara ter escrito, ele consegue garantir no... no filme, o que ele escreveu no livro. Ele consegue garantir o que ele quer. Mas entra também a produção, no sentido de que: a gente vai fazer isso virar dinheiro. Não é só fazer o filme. Isso tem que render alguma coisa. Então, na verdade, é mais uma opção estética do que uma falha artística.

Orador A: Sim, sim.

Orador B: Entende? Na verdade, não é que eles não conseguem fazer ou eles: ah, cagaram a cena toda. Não. Eles optaram: a gente quer fazer mais simples. A gente quer fazer assim pra atingir um público mais jovem e não ser tão filme muito cabeça. Porque esse filme, O Silêncio dos Inocentes, ele é um filme super cult né? Assim, ele não é um filme pra todo mundo assistir, passar na TV. E esse outro pode. Ele tem um caráter mais comercial. Então é mais uma opção. É uma inteligência, na verdade. É de se manter. Manter a história viva sem gastar tanto dinheiro assim. Sabe?

Orador A: É. Isso até me remete a muitos filmes que a gente até acabou deixando de fora, que são os slasher movies, né? Os filmes de... de assassinos em série e tal, que... que são mais abertamente a violência. E dessas outras características, que também vão ter. E, talvez, até porque eles cometam mais erros em termos técnicos, do que seria o psicopata. E também porque eles não... não exploram tanto o psicopata né? Acaba ficando mais na relação com... com as suas vítimas, assim, como elas se sentem, do que de a gente entender como que eles são. Como que esse psicopata é apresentado. Mas, talvez, é esse foco né? É esse direcionamento pra um tipo de... de cinema, que... que como você bem mencionou: é o que vende também né, de fácil consumo.

Orador D: Eu não sei se é pela facilidade de roteiro ou pelos recursos, pelo tipo de narrativa. Mas esses filmes que você tá citando. Você... eu não sei se vocês percebem né, mas a origem ou os motivos né, dos assassinos em série, eles sempre são muito pontuais. Então, aconteceu isso, isso e isso, que fez com que o personagem, sabe; se tornasse o Freddy Krueger, o Jason e etc. E a gente né, discutiu tanto aqui já que: poxa, é uma estrutura extremamente complexa, cheia de... de fatores que podem tá relacionando. E é por isso que não servem como exemplos né, pra gente, igual o André tá trazendo. E eu acho que a gente tem que tomar muito cuidado né? Porque o senso comum, ele gosta muito disso. E são filmes que atraem pessoas que não necessariamente são cientistas né? Que... e nada contra né? É um filme que é pra entreter obviamente. Mas é trazer algo mais pontual. Tipo: é ser simples. Então, olha: sei lá, ele se afogou na infância e agora ele vai matar as pessoas na praia. Porque ele não quer que as pessoas se afoguem. Ele vai matar a pessoa antes. Sabe? Umas coisas bobas assim. Então é muito direto. A relação causa e efeito, ela é muito direta. Numa estrutura de um psicopata, numa estrutura de uma psicose, esquizofrenia. Dos transtornos que a gente tá trabalhando aqui, ela é muito mais complexa.

Orador B: É. Até... eu queria até colocar uma coisinha só pra complementar o que ele tá falando. Depois André, se você quiser... é porque assim: eu até faço uma crítica aos divulgadores científicos. Olha só a audácia. A minha audácia aqui.

Orador C: Sobrou pra gente.

Orador B: É que assim, um filme... um filme né? E aí eu falo como diretor de cinema, como escritor, que é a minha função aqui né? A obra de arte, ela é o reflexo da sociedade. Ela não é algo de constructo pra salvar ninguém, pra limpar ninguém, pra registrar nada. Ela é só o reflexo né? A gente faz isso com o reflexo do conhecimento que as pessoas têm. E a gente conversando aqui sobre a psicopatia, a sociopatia e tal. É tão complexo, é tão diferente, tão difícil entender, pra um leigo, essa... essas quantidades. Porque também esse conhecimento, ele não tá desde os anos setenta, livre, todo dia. Sabe? O que tá livre todo dia é assassinato e o cara correndo. É o telejornal de... de horror. Esse telejornal de horror tá todos os dias aí, na TV, discutindo. Você não vê um podcast como esse, por exemplo, ou um podcast de psicologia, discutindo a real profundidade das... das psicopatias em todos os seus níveis e seus desdobramentos corriqueiramente. Então, quando um cara vai escrever um filme, ele não vai... ele recorre ao que tem ali. Mas ele não consegue realmente pegar essa profundidade. Porque ela não está tão disponível, quanto a mera violência duma pessoa que entrou numa escola, atirou num monte de gente, depois foram fazer a entrevista e ele tinha sido estuprado pelo pai quando era criança. Ponto. E é isso que tá sendo falado, na verdade né? Não toda a questão profunda né? Então é... é um pouco o reflexo também de como a gente não divulga né, os nossos conhecimentos acadêmicos em larga escala, como a violência. Não é culpa nossa. É só um sintoma né?

Orador C: O que eu vejo é que como é algo muito, muito complexo. É... outras pessoas que podem ter passado por situações idênticas ao psicopata, não viraram psicopatas. E não cair naquele determinismo. Então: ah, porque ele foi estuprado pelo pai quando era criança, então, todo mundo que foi estuprado pelo pai quando era criança vai entrar numa escola atirando.

Tem... tem... essa construção que eu vejo que aparentemente acontece e torna a pessoa a ser um psicopata, ela é... é muito individual. Eu vejo dessa forma. Não sei se eu tô certa, psicólogos.

Orador A: Não. Tá. Completamente. Eu acho que se a gente conseguir trazer essa reflexão, de que todo caminho pessoal, todo caminho psicológico que nos leva a estar onde estamos e fazer o que fazemos é sempre muito individual né? E o psicopata também não é tão diferente nesse sentido né? Ele também vai ter um caminho individual, enfim, que vai fazer ele chegar onde ele chegou.

Orador D: Tem o... eu acho que é legal também a gente ver, por exemplo né, o que o Gustavo falou, da questão do tempo, de quando que os filmes foram lançados. A gente tem essa definição de psicopatia no final dos anos oitenta. É super, super recente. E aí a gente pega filmes como Laranja Mecânica, Taxi Driver, que foram gravados até antes né, de todo esse... de todo esse conhecimento disponível. Então, imagina se hoje, dois mil e dezenove, a gente ainda tá apanhando aqui pra estudar, conhecer. Imagina antigamente. E... ah, e também assim: a gente sabe que é uma trajetória individual. E, às vezes, o esforço da ciência é tentar achar algum paralelo, alguma forma de prever né, que essas coisas aconteçam ou que pode tá acontecendo. Se você pega, por exemplo, a série Mindhunter, que é baseada em fatos reais, com serials killers reais, você tem uma prevalência de várias atitudes, várias ocorrências que aconteceram igual na vida deles. Só que até mesmo na série, eles deixam bem claro que aquilo ali não é... não é como uma regra. E que não é bem como uma coincidência. Mas são fatores, que somados, eles podem levar a tal. Podem levar a “x”. Mas assim, eles poderiam levar a “y”, “z” e todo o resto do alfabeto também.

Orador A: Sim. É que entra num... é que entra num... num problema ético até, do... do... que eu acho que o filme Minority Report – não sei se todo mundo viu Minority Report – eu acho esse filme bem interessante, porque eles vão discutir justamente esse problema ético de: se você puder prever que alguém vai né, fazer um crime, virar um assassino. É... mesmo que a gente conseguisse dizer com certeza ou se não soubesse. Mas será que é ético a gente intervir antes da pessoa realmente cometer o crime né? O quanto... claro, intervir sim, mas não prendê-la, no sentido de... é... culpabilizá-la antes de ela cometer o crime. Que é um ponto que fica... que fica em discussão nesse filme.

Orador B: Ahã. Sim, sim.

Orador A: A gente tá se estendendo bastante. Eu acho que a gente poderia ir pra um último filme, assim?

Orador C: É. Então, eu ia puxar o Psicose. Mas mais por conta do comentário da parte comercial. Porque teve a série do Bates Motel, né? Então eu... o que eu senti é que as pessoas não estão mais falando tanto de Psicose. Vamos fazer as pessoas lembrarem que existe Psicose. E a nova geração saber que existe Psicose. Então foi a sensação que eu tive com relação a isso.

Orador A: Sim. É. E Psicose é um tema interessante. Primeiro, porque ele taria mais no espectro da esquizofrenia – na minha opinião – mas eu e o Rafa, a gente tava discutindo antes dele. E, talvez, tenha outras possibilidades.

Orador D: Não. Eu já concordei com você já.

Orador A: Ah tá.

Orador D: Você já me convenceu.

Orador A: E principalmente, por aquela realidade alternativa né, que ele acaba se colocando, da... da relação dele com a mãe e tudo mais. E, talvez, pra quem só descobriu agora, através da série a história do Norman Bates, isso talvez seja um spoiler. Mas a mãe dele né, já está morta. E ele tem uma relação de como se ela estivesse viva e de conversar e de atuar. E em alguns momentos até, agir pela mãe, agir como a mãe, como se ela estivesse viva e como se ela ainda trouxesse é... todas aquelas características de repressão, a sexualidade. E dos... e das normas e costumes né, que ela defende ali. E é bem interessante assim, porque, por mais que a gente vai dizer assim: ah, não é só... não é só dessa relação de estrutura e dessas coisas que ele teve de aprendizado. Mas é também, como o Rafa tava falando. É... a gente vai ter essa construção individual desse sujeito, que é o Norman Bates ali, que tá completamente permeada por... por uma relação que ela é simbiótica né, ela é... é muito fechada, essa relação dele com a mãe, muito isolada do resto da sociedade. E acaba tornando ele um... uma pessoa que não consegue ou, talvez, não saiba lidar com a falta né, dessa outra pessoa. E ele cria toda uma realidade alternativa, chegando a... né... chegando a ser muito violento né, nessas relações. E pelo que eu vi do seriado, eles acabam mostrando algumas... não sei se tá todo mundo acompanhando, eu também não vi muitos, mas eu vi algumas cenas ou algumas outras coisas. Mas parece que eles constroem uma narrativa desse personagem, um pouco, com alguns traços de psicopatia né? Aquela relação dele com a taxidermia, a relação dele com animais mortos. Que a gente geralmente vai ver mais nessa relação de psicopatas.

Orador D: Eu acho que entra também – eu não vi muito Bates Motel – entra na questão também do que é atrativo... sei lá né, como um seriado, como um produto hoje. Eu acho que é por isso que esse... esse comportamento psicopata vai aparecer né, na série, essas características na série. Porque se a gente pegar só o filme, o Psicose, pela forma que você foi... a gente até conversou em off. Realmente entra muito mais dentro duma questão...

Orador A: Pois é.

Orador D: Da esquizofrenia. Olha o nome do filme né? Psicose. É o spoiler na sua cara. Parece... parece uma tradução de filme português né? Que eles... que eles dão spoiler logo na cara, assim.

Orador B: É. Tem esse negócio do comercial, que a Tábata colocou. O filme... o filme chama Psycho; Psycho na verdade, em inglês né, e traduziu pra Psicose. Eu não sei se a tradução de Psycho seria uma psicose propriamente ou só na verdade, uma questão psíquica, menta? Sei lá, se era uma coisa mais genérica. Porque o filme é de sessenta. Então assim, e ele é baseado numa história. Então assim, ele é... o Hitchcock, ele é um mestre da... das... do suspense, da

criação de uma coisa meio insana e... e no sense também. Então assim, ele é mais um experimento com um monte de coisas, do que propriamente uma história sobre psicopatia, eu acho né? Só que pra esse filme chegar num ponto é... que ele tá hoje, ele precisou de muitos anos. De muitos anos de estudo de frame, muitos anos de estudo. Já teve até uma refilmagem, de noventa e oito, de tentar realmente fazer quadro a quadro, de tentar fazer exatamente como estudo. Eu estudei... eu fiz uma faculdade de cinema. E eu não sei quantas vezes os professores falam do Psicose. Eu sei lá. Tipo assim: uma vez por semana se cita alguma coisa daquele filme, alguma coisa do Hitchcock. Porque realmente é uma coisa muito estudada. E aí quando você vai pra uma estrutura de minissérie, de série, ela tem assim... você tem dois meses, pra você render engajamento, entendeu? Você tem que fazer. Senão corta o dinheiro. A verba não sai. E a verba, ela é contínua. Ela não é como um filme, que sai o dinheiro e você faz o filme inteiro e acabou. E aí você recolhe os frutos depois. A série, você vai colher os frutos conforme ela vai andando. Então, efetivamente tem que se fazer uma escolha, assim. Olha: não dá pra fazer uma coisa muito complexa, muito cheia de estudos de Psicose propriamente. Cheias de coisas profundas, pra que os alunos de psicologia se encantem e comecem a estudar e depois indiquem pros alunos, daqui a cinco anos tá todo mundo falando. Não dá. Não dá tempo. Vamos fazer uma coisa já rápida, pra amanhã as pessoas estarem falando no Twitter. Sabe? Meio que a ideia é essa assim. E orçamento de minissérie, ela é dividida em duas – não sei se as pessoas sabem disso – um orçamento de minissérie é dividido em duas esferas. Tem um aporte de dinheiro grande pra primeira temporada, pra segunda um pouco até. E depois se decide se realmente vai levar pra frente ou não, dando só o suficiente. Tanto que se você for reparar, as segundas temporadas de quase todas as séries, a maioria das cenas são só gente falando, andando no corredor, caminhando e sentando. Porque não tem dinheiro pra fazer tanta locação. Não tem dinheiro pra fazer tantas movimentações de grua e tudo mais, que gasta muito dinheiro. Movimenta menos personagens. Então na segunda ou na terceira temporada, geralmente as séries ficam só nas pessoas sentadas, falando, que é pra não gastar o dinheiro, pra manter. E aí quando o produtor saca que isso funcionou, aí vem um segundo aporte de dinheiro real, que vai ser pra terceira ou quarta temporada, enfim, pro resto. E aí a coisa volta a ter profundidade novamente e tal. Então também tem que lembrar que na real é dinheiro, no fim das contas né?

Orador A: Depois dessa análise mercadológica dos seriados.

Orador D: Eu tô adorando isso. Descobrir tudo isso.

Orador A: Eu queria que... pra gente encerrar esse episódio, eu vou pedir pra cada um então, dar um filme aí de psicopata que você gostaria que os nossos ouvintes assistissem e justificasse o porquê você acha que a pessoa deveria ver esse filme.

Orador D: É. A gente tinha colocado aqui na lista. É que não deu tempo de falar, de Laranja Mecânica. Eu acho que Laranja Mecânica funciona muito bem pra mostrar algumas estruturas. Porque assim, eu acho que Laranja Mecânica inspira as pessoas a estudarem se aquilo é real ou não. Eu acho que é um filme que leva... leva as pessoas um pouquinho mais pra... pra ciência né? Então se a gente tá aqui no Dragões, eu acho que... que é legal... é legal por isso. E por mais que é um filme de mil novecentos e setenta e um, eu não vou dar spoiler.

Mas eu já adianto: o personagem, ele não é um psicopata né? Pelo menos na minha visão, ele não... ele não vai ter uma leitura como... como um psicopata. Só que o filme, ele vai tentar empurrar isso de alguma forma. E aí eu acho que essa forma de... essa estrutura que é didática. Eu não sei explicar. Mas eu acho excelente.

Orador A: É. Eu acho que Laranja Mecânica, daria pra fazer um episódio só sobre Laranja Mecânica.

Orador B: Umas três horas.

Orador D: Exatamente.

Orador C: É. Então, aí vocês não me chamam. Porque foi um filme que eu não consegui dar conta de assistir. Me deixou muito agoniada.

Orador A: É?

Orador C: Por várias coisas. Várias coisas. Então assim... não posso falar sobre Laranja Mecânica.

Orador D: Só pra dar uma breve sinopse pro ouvinte, que realmente, sei lá, já ouviu falar do nome do filme, mas não sabe do que se trata. Então ali, a gente tem quatro personagens, que eles são é... há... arruaceiros, delinquentes juvenis. E por causa de algumas atitudes deles, um deles vai sofrer uma grande consequência. E essa grande consequência vai levar a um outro trabalho científico que vão propor a esse jovem. E aí o filme fica mais bizarro ainda. E eu acho que ler essas inconseqüências né, que a gente poderia pensar né, se esses adolescentes, se eles têm algum tipo de psicopatia? E aí no final do filme, você se liga exatamente do que tá acontecendo. É... é muito legal. Mas é um filme muito forte mesmo. Muito, muito, muito forte. Eu não entendo nada de cinema. E eu acho que ele já é rico de... de informações.

Orador C: Eu vou roubar – porque eu sou da casa, tá? Então eu vou roubar – eu vou recomendar um filme e uma série. A série eu já falei aqui várias vezes no episódio, que é o Criminal Minds – que o André também é fã, que eu sei – e é incrível. Tipo, falando da série rapidinho. É uma seção do FBI, que ela é especializada em análise de comportamento. Então eles são chamados para resolver casos que são muito difíceis de serem resolvidos. Eles traçam o perfil do criminoso pra tentar descobrir quem que é esse criminoso, baseado nas evidências que têm nas cenas do crime ou relatos de testemunha ou de sobreviventes do crime. Porque nem sempre há um assassinato. Mas eu recomendo muito a série. E de filme, eu recomendo o A Pele que Habito, que é de dois mil e onze, que é do Almodóvar, com o Antônio Banderas. E foi um filme que me deixou bem chocada, quando eu assisti. Assim, eu acho que... que... é... eu não sei se eu enxergo o personagem como um psicopata. Porque não sei se eu tenho a capacidade pra definir se ele é um psicopata ou não. Mas que ele tem um probleminha, ele tem. Mas o filme mostra de onde viria essa provável psicopatia, que ele acaba exacerbando durante o filme. Então, o que eu acho interessante é que ao decorrer da história você vai entendendo por que ele está fazendo aquilo que ele está fazendo. Então... e porque ele sofre a consequência do que acontece. Então eu acho que é um filme que vale a pena você assistir.

Orador B: Então, eu... pensando no lance da... do Psicose, que eu acho que é um caminho muito interessante pra discutir já no tema. E eu não sei se você poderia classificar esse filme que eu quero indicar como uma... uma psicopatia. Mas eu, talvez, ache que sim. Que seria o Mulholland Drive.

Orador A: Ah...

Orador B: O Mulholland Drive é... é um filme maravilhoso também, nesse sentido de mostrar personagens perturbados. Personagens que têm... com certeza tem algum distúrbio. E que, na verdade, se envolvem nesse mundo. E o filme, por ser do Lynch, ele não deixa claro pra você se aquilo que você tá assistindo é uma fantasia ou é uma realidade. Se eles são loucos e aquilo tudo tá passando na cabeça deles ou não? A coisa fica sempre meio assim, ele não termina te explicando. Então, eu recomendo esse filme. Eu sempre recomendei pra todo mundo que eu conheço. É um filme fantástico. Ele é longo, ele é lento, ele é demorado. Ele tem um tempo meio assim... só que ele é uma ótima obra de arte. E a cinematografia desse filme pra mim é fantástica. Então, se você não gostar pelo menos do tema, se você não gostar do tema, vai pelo menos, pelo visual, que é incrível. E as atuações também são maravilhosas. E o que me chama a atenção é isso: eu não sei se é uma esquizofrenia. Eu não sei se é uma psicopatia. E eu acho que eles não se preocupam em definir que tipos de distúrbios aquelas pessoas teriam. Mas ele... mas ele faz essa referência também, que o Psicose faz. Sabe? Eu também não quero dar spoiler. Mas ele tem um quê do Psicose, porque é um filme também, baseado em grandes cineastas, do David Lynch. Então, ele também se preocupa com esse... com esse caminho do dúvida. Sabe? É... e é muito interessante o distúrbio. E são vários personagens. É um filme que tem vários enredos ao mesmo tempo. E todos eles têm de alguma forma, algum confronto com a realidade, um viver dentro de si mesmo. E ao mesmo tempo, um sadismo com o tratamento do outro. Então, é muito interessante. É um filme forte também. Mas é... é maravilhoso. Eu sempre recomendo.

Orador A: Legal. Eu não vou conseguir classificar ele agora. Porque faz tempo que eu vi. E eu vi ele muito tarde, à noite. E eu também tive muita dificuldade com esse caminho de entender, compreender. E eu acabei não conseguindo retomar ele ainda. Mas é um filme que eu quero ver e discutir.

Orador B: E tem uma cena de... uma cena que foi repetida no La Land cara. Uma cena de atuação sobre atuação. Sabe? Uma cena de metalinguagem da atuação. Só pra deixar mais confuso. Uma das personagens, ela quer ser uma atriz. Então assim, ao mesmo tempo em que você tá com a vida dela, ela também tá atuando. E aí entra mais uma esfera de uma interpretação de um personagem, de uma persona que ela interpreta. Cara, e aí vai pra um bueiro ali. É maravilhoso.

Orador D: La... essa cena... essa cena é maravilhosa. É mais pro final do filme essa cena que você tá falando né?

Orador B: É.

Orador D: Eu sei qual é. Nossa... é sensacional.

Orador B: É. No La Land é legalzinha mesmo. Ela é legal. É incrível. Mas assim, se você assiste a cena que eles se inspiraram, no Mulholland Drive, é inacreditável. Uma é feita por uma adulta, outra é feita por uma adolescente. No caso, a La Land é meio adolescente assim, porque ela é bonita, é inteligente, legal, mas ela é sutil. E essa outra, do Mulholland Drive, a cena é quase asquerosa. É impressionante. Então eu recomendo: Mulholland Drive, do David Lynch

Orador A: Certo? Bom pessoal... é... eu devo indicar um também né? É. Eu vou recomendar o Precisamos Falar Sobre o Kevin, que até o Rafael comentou inicialmente, quando a gente tava falando de gravar esse episódio. E eu acho que é um episódio bem interessante. Um episódio não. É um filme muito interessante. E a narrativa que ele faz principalmente da... de características de psicopata, que vão sendo percebidas no Kevin. Mas principalmente, como é olhado pela mãe do Kevin né, toda a história do filme. É... ele vai dando... ele vai dando essa... esse desconforto né, de olhar praquilo e não entender. E sofrer com aquelas características e de como ela é relacionada. E de como a sociedade encara ela depois de tudo. Eu acho que é um filme muito interessante também pra... pra se assistir, pra ver algumas dessas características, não só da pessoa né, do... do personagem psicopata. Mas também, das pessoas próximas a ele né? Como que elas se relacionam.

Orador D: André, eu acho que a gente discutiu bastante sobre... sobre o que pode fazer uma pessoa se tornar um psicopata. No Precisamos Falar Sobre o Kevin mostra exatamente o contrato... o contrário. Olha o psicopata novinho né? Olha como que ele vai começar a mostrar os comportamentos dele. Então, não necessariamente existia uma causa. Mas você vê a evolução do comportamento né? Da construção da frieza, da não empatia... e aí...

Orador A: Exatamente.

Orador D: Assistam o filme.

Orador A: Bom. Eu queria agradecer muito a todos vocês por essas duas horas de gravação. É. Eu acho que a gente não consegue fazer episódios curtos. Mas, eu queria agradecer muito a presença do Rafael Cerqueira. Você gostaria de deixar aí contatos, redes sociais, enfim, falar um pouco mais do Psicocast?

Orador D: Ah, chamar a galera pra ir lá né, conhecer o Psicocast. Eu acho que se seguir a gente no Instagram, @ psicocast é fácil, porque a gente tem canal no Youtube e faz conteúdo pro Instagram. Faz o podcast, que é o nosso carro chefe. E... e vem conhecer a gente. E também recomendar pro pessoal procurar ou na Amazon ou no Clube dos Autores, o meu livro: TOC: Sinta o Desespero. É um romance. Vai trabalhar sobre um personagem em primeira pessoa, em tempo real. E assim, um super spoiler do primeiro capítulo: ele mata um cara e ele curte muito isso. E aí não quer... eu acho que essa explicação é perfeita, do meu livro.

Orador A: Nossa... eu nem sabia que tava tão envolvido com o tema.

Orador D: Será que está ou não está? Será que é psicopata ou não é?

Orador A: Bom. Depois de ouvir esse episódio, talvez lendo o livro, você consiga dizer se é ou não é. Eu gostaria de agradecer mais uma vez, a presença do Heineken aqui com a gente, né, conversando sobre as coisas, sobre cinema.

Orador B: Sempre tentando. Tô aí pra qualquer coisa que precisar. Se eu puder colaborar eu venho. Se eu não puder também, eu tô aqui. É só chamar.

Orador A: A sua presença é sempre ótima.

Orador C: Você já... você já é da casa Heineken. Para de cerimônia.

Orador A: Eu gostaria também de agradecer a Tábata, né, que é nossa integrante. Mas geralmente tá mais em vídeo.

Orador C: É. Eu tô sempre lá, com a carinha no Youtube. Era pra eu ter sido uma orelha hoje. Eu não sei se eu fui uma orelha boa. Eu acho que eu fiz mais pergunta técnica do que... eu acho, do que outra coisa. Mas tudo bem. E... eu só tenho uma recomendação pras pessoas agora, que estão terminando de ouvir esse episódio: que... não... não fiquem encanadas pra tentarem entender se vocês são psicopatas ou sociopatas tá? Se você tiver alguma dúvida, procure um especialista.

Orador D: É verdade.

Orador A: Esse conselho foi o melhor que a gente poderia ter dado nesse episódio. E com isso, eu vou declarar encerrado essa gravação dos Dragões de Garagem. Muito obrigado e até mais.

...

Fim da Transcrição 01:47:57